



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

**Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS
Mestrado em Museologia e Patrimônio**

Memória, Ciência e Universidade: *um estudo sobre o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho.*

Anna Gabriela Pereira Faria

UNIRIO / MAST - RJ, Julho de 2013

Memória, Ciência e Universidade: *um estudo sobre o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho.*

por

Anna Gabriela Pereira Faria
*Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia*

Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em
Museologia e Patrimônio.

Orientadora: Professora Doutora Moema de Rezende
Vergara

FOLHA DE APROVAÇÃO

MEMÓRIA, CIÊNCIA E UNIVERSIDADE:

um estudo sobre o Espaço Memorial Carlos
Chagas Filho.

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Prof. _____
Alda Lúcia Heizer

Prof. _____
Maria Esther Alvarez Valente

Prof. _____
Moema de Rezende Vergara

Rio de Janeiro, julho de 2013

Faria, Anna Gabriela Pereira.

F224 Memória, Ciência e Universidade: um estudo sobre o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho/ Anna Gabriela Pereira, 2013.
79 f.: il.

Orientadora: Moema de Rezende Vergara

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2013.

1. Museologia. 2. Patrimônio científico e tecnológico 3. Museus Universitários. 4. Espaço Memorial Carlos Chagas Filho. I. Vergara, Moema Rezende. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado e Museologia e Patrimônio. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDD – 069

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a todos que colaboraram para a realização deste trabalho:

À minha mãe, Ana Cristina e ao meu pai João Carlos, por me ensinarem desde cedo a importância da perseverança e da leitura. Ao meu querido Pedrinho, por adoçar minha vida com seu sorriso. Julia e Laurinha, irmãs queridas, presentes ainda que ausentes. À Carol, irmã e parceira pelo companheirismo de sempre, pelo interesse neste e em tantos outros projetos, por estar sempre aqui.

Aos avós por entenderem a ausência necessária durante este processo e cederem os domingos de visita à esta pesquisa.

Aos amigos adorados, a família que eu descobri pela vida, Patrícia, Ana Carolina, Pedro e Rodrigo, e que cada um a seu jeito, fez questão de apoiar do primeiro ao último dia.

À equipe dos Espaço Memorial Carlos Chagas Filho nas figuras das diretoras Denise Pires de Carvalho e Sandra Maria Feliciano de Oliveira e Azevedo; das coordenadoras Valéria Freitas de Magalhães e Daniele Botaro; dos colegas Karina Siciliano Saraiva, Maria Ivanete Marins, César Antonio Elias e dos queridos estagiários Rafael Brasil, Ana Paula Figueira, Gabriela Lucio e Thaís Lamas.

Às companheiras de mestrado Álea, Bianca, Gabriela, Gleyce, Isabel, Luciana, Ludmila, Elizabeth por tornarem as discussões sempre mais ricas e a experiência como um todo muito mais prazerosa.

Às professoras Alda e Esther, pela dedicação na leitura deste trabalho e pelo interesse e válidas contribuições nas trajetórias acadêmica e profissional.

Ao João, companheiro da minha vida, por participar dos meus momentos com tanto carinho e paciência, pelo cronograma de horas, pelas portas abertas, agradeço

pelas madrugadas em claro e nas manhãs mal-humoradas. Por entender este como um projeto importante para nós dois.

E, finalmente, à querida Moema Vergara, mais que uma orientadora uma companheira nessa aventura. Agradeço por aceitar a orientação de um trabalho iniciado, por acreditar e investir seu tempo, atenção e conhecimento na realização deste projeto. E pelo carinho de sempre.

Obrigada a todos!

RESUMO

FARIA, Anna Gabriela Pereira. **Memória, Ciência e Universidade: um estudo sobre o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho.** Orientadora: Moema de Rezende Vergara. UNIRIO/MAST. 2013. Dissertação.

A presente dissertação busca analisar e identificar os elementos que contribuíram para a criação do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), e os caminhos percorridos desde sua formação até os dias atuais. Ao apresentar as principais características deste espaço e suas transformações ao longo dos anos pretende-se fortalecer a identidade do EMCCF enquanto instituição museológica voltada para a preservação da memória de Carlos Chagas Filho e do Instituto de Biofísica, à luz dos conceitos da museologia e da história da ciência. Tem-se ainda como objetivo inserir o referido museu na discussão a respeito dos museus universitários brasileiros, e a importância do desenvolvimento de material teórico sobre o tema.

Palavras-chave: Museologia; Patrimônio científico e tecnológico; Museus Universitários; Espaço Memorial Carlos Chagas Filho.

ABSTRACT

FARIA, Anna Gabriela Pereira. **Memory, Science and University: a study on the Memorial Area Carlos Chagas Filho**. Dissertation (Master's) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2013. 79 p. Supervisor: Moema de Rezende Vergara.

This thesis aims to analyze and identify the elements that contributed to the creation of the Memorial Area Carlos Chagas Filho (EMCCF), and the paths taken from its formation to nowadays. At present the main features of this space and its transformations over the years it is intended to strengthen the identity of EMCCF while museum institution dedicated to preserving the memory of Carlos Chagas Filho and of Biophysics Institute, in the light of museology concepts and history of science. It has also an attempt to enter the museum said in the discussion of the Brazilian university museums, and the importance of the development of theoretical material on the subject.

Keywords: Museology; Scientific and technological heritage; University Museums; Memorial Area Carlos Chagas Filho.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

ABRACOR - Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais

ABM – Associação Brasileira de Museologia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior

CNM – Cadastro Nacional de Museus

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

ECV – Museu Espaço Ciência Viva

EMCCF – Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

FMRJ - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

IBCCF – Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IC MEMO – Comitê Internacional de Museus Memoriais

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IOC – Instituto Oswaldo Cruz

IPEN - Instituto de Patologia Experimental do Norte

IPHAN – Instituto de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

MES - Ministério da Educação e Saúde

PIBEX/UFRJ - Programa Institucional de bolsas de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro

SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SNC&T – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

UDF - Universidade do Distrito Federal

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UMAC - Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
1. Espaço Memorial Carlos Chagas Filho	15
1.1 Carlos Chagas Filho, de pai para filho	16
1.2 Carlos Chagas Filho e o IBCCF	26
1.3 A fundação do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho	28
1.4 O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho hoje	32
CAPÍTULO II	
2. Museus Universitários no Brasil	40
2.1 Espaços de ciência e as concepções sobre a Universidade no Brasil	41
2.2 A participação de Carlos Chagas Filho na reforma da Universidade do Brasil	41
2.3 Museus universitários no Brasil, primeiros passos	53
2.4 Museus universitários e sua especificidade	57
CAPÍTULO III	
3. Museus e Memória	62
3.1 Museus de Ciência, Espaço Memoriais e Memoriais: a busca por um conceito	62
3.2 O que lembrar?	71
CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

Introdução

Neste trabalho apresentamos as primeiras reflexões a respeito do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), um museu voltado para a preservação da memória de Carlos Chagas Filho e do patrimônio histórico e científico do Instituto de Biofísica (IBCCF), que também leva o nome do pesquisador. O EMCCF é uma instituição vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual respondemos pelo setor museológico.

Em nossa pesquisa direcionamos o olhar a fim de examinarmos o EMCCF à luz de suas relações com a museologia e da história da ciência. O interesse se deu, a partir da vivência enquanto museóloga parte do quadro funcionários do museu, quando nos deparamos com um universo totalmente novo, relacionado ao cotidiano de um museu de ciência e à preservação de acervo e da memória de Chagas Filho.

Percebemos dois fatos significativos para esta pesquisa ainda nos primeiros meses de trabalho. O primeiro, a importância de Carlos Chagas Filho para a comunidade da Biofísica, para qual o pesquisador se tornou patrono e exemplo, por conta de sua atuação política e acadêmica. O segundo, o fato de ainda que o discurso oficial do IBCCF, afirme que referida estima acabou sendo representada por meio do museu, este parecia não ser totalmente aceito pelos professores e técnicos do instituto.

Somado a isso, percebemos muitas situações semelhantes às já vivenciadas em outros locais de atuação. Do início da minha formação em museologia, no ano de 2001, ao meu ingresso na UFRJ, participei de atividades relacionadas ao universo universitário. Fosse à condição de aluna de graduação, estagiária ou museóloga, quando falamos em universidades públicas brasileiras e suas unidades, algumas questões são recorrentes, tais como verba, infraestrutura, disputas internas, entre outros.

Estes fatores combinados geraram algumas questões, que pretendemos refletir a respeito ao longo desta dissertação, entre elas: - O que justifica a existência do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho? - Em que tipologia de museu o Espaço Memorial se enquadra? – Quais as funções deste museu? Que atividades o EMCCF pode realizar para se aproximar da comunidade que o cerca?

Na tentativa de explorar os pontos mencionados, e estruturar a narrativa, dividimos este trabalho em três capítulos, que tratam dos diversos aspectos do Espaço Memorial. No primeiro, procuramos apresentar o próprio museu, para tal, entendemos

ser necessário um breve relato sobre a trajetória de Carlos Chagas Filho, visto que o cientista é tema central do EMCCF. Pesquisas de Darcy Fontoura, Wanderley de Souza, Ana Luce Girão de Lima e Nara Azevedo serviram como base para o desenvolvimento da biografia do pesquisador.

Ainda buscamos ilustrar a relação da comunidade da Biofísica com a figura de Chagas Filho, para tal, foram analisados registros de entrevistas e artigos, de diversos membros do corpo docente da UFRJ. Também foram expostas as circunstâncias de fundação do museu e algumas das principais dificuldades encontradas até o momento.

Pretendemos com o segundo capítulo entender o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho enquanto um museu universitário. Dada à riqueza do tema, exploramos também os estudos relacionados à instituição das universidades no Brasil e os caminhos percorridos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro até a institucionalização de seu primeiro museu, o Museu Nacional. Serviram como fontes texto de estudiosos da área da história da ciência tais como José Murilo de Carvalho e Roque Spencer de Barros, e da museologia, como Adriana Mortara, Maria Esther Valente e Martha Lourenço.

No terceiro, e último, capítulo propusemos uma reflexão acerca da denominação recebida pelo Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, que apesar de não ter o nome de museu, foi encarado como tal desde sua fundação. Buscamos ainda trabalhar os conceitos de memória e história e a dificuldade de tratar temas relacionados a biografias. Compreendemos que os textos de Pierre Nora e Pierre Bourdieu, apesar de estudados superficialmente nesta dissertação, foram fundamentais para o entendimento da complexidade do EMCCF enquanto instituição museológica.

Tentamos portanto, ao longo deste trabalho identificar e analisar os elementos importantes na constituição do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho enquanto instituição museológica, tentando fortalecer, no campo da museologia, o debate acerca dos museus universitários de ciências, compreendendo suas questões e desafios.

CAPÍTULO 1

Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

Capítulo 1 – Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

Neste capítulo pretendemos apresentar a concepção, criação e desenvolvimento do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), com suas questões e desafios. Como elemento para discussão a cerca da formação do EMCCF, desenvolvemos breve biografia de Carlos Chagas Filho, fundador do Instituto de Biofísica, que também leva seu nome. Percebemos o entendimento desta figura como fundamental para este trabalho, uma vez que sua personalidade é até hoje um elemento com forte influência sobre as atividades realizadas tanto no Instituto, quanto no museu.

1.1 Carlos Chagas Filho, de pai para filho

Carlos Chagas Filho é a figura central quando tentamos entender os caminhos percorridos para a fundação do museu que leva seu nome. Nascido em 12 de setembro de 1910, filho de Iris Lobo Chagas e do médico Carlos Ribeiro Justiniano Chagas. Esta filiação é traço fundamental para o entendimento da trajetória de Chagas Filho. Seu pai, Carlos Chagas, além de médico, foi importante pesquisador para o campo da medicina tropical, se formou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) em 1903, desde o início de sua carreira esteve em contato com questões que combinavam a prática médica e a pesquisa:

(...) vários professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro defendiam, desde a década de 1880, a importância de incorporar ao ensino os preceitos e práticas da chamada medicina experimental, ou seja, da pesquisa científica realizada no laboratório em busca de novos conhecimentos. Este foi o ambiente em que Chagas realizou seu curso médico, entre 1897 e 1903¹.

O contato, durante a faculdade, com professores como Miguel Couto² e Francisco Fajardo acabou por colocar Chagas em contato com Oswaldo Cruz, que viria

¹ KROPF, Simone Petraglia. **Carlos Chagas: infância, primeiros estudos e formação médica**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/chagas/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=40>

² Médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na Câmara dos Deputados, presidiu a Comissão de Saúde e participou da elaboração de projetos e sugestões relativos a problemas sanitários. Tratou ainda do combate à malária e à esquistossomose, da vacinação antidiftérica, do salário mínimo dos médicos e da

a ser seu orientador, em sua tese de doutoramento, intitulada *Estudos hematológicos no impaludismo*. Durante o período da tese, Chagas passou a frequentar o Instituto Manguinhos diariamente, o que gerou um convite, em 1904, para integrar a equipe de pesquisadores da instituição.



Figura 1 - Carlos Chagas, Evandro

Entretanto, o médico, naquele momento, preferiu dedicar-se à clínica, e foi nomeado no mesmo ano como membro da Diretoria Geral de Saúde Pública, assumindo posto no hospital de isolamento de Jurujuba, Niterói, destinado a atender, sobretudo, doentes de peste. Ao mesmo tempo, instalou seu consultório particular no centro do Rio. Naquele mesmo ano, Carlos Chagas se casou com Íris Lobo, com quem tem dois filhos, Evandro Chagas em 1905 e Carlos Chagas Filho em 1910.

Em 1907, o médico reconsiderou o convite feito por Oswaldo Cruz, e passou a chefiar uma campanha de combate à malária que paralisava as obras de prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil em Minas Gerais. Este evento redirecionou a carreira do médico e o levou de volta a Manguinhos, onde trabalhou até o final da vida. Naquele momento, os programas de saúde no país, refletiam as ideias positivistas do governo brasileiro. Entendendo que os problemas sanitários envolviam não somente questões à saúde, mas também nos campos social, político e econômico

equiparação de vantagens aos médicos do interior do país. Foi um dos principais defensores da criação do Ministério da Saúde como pasta autônoma, desvinculada do Ministério da Educação. Fonte: CPDOC. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Miguel_Couto_Filho

do Brasil. Pois uma vez doentes, os indivíduos seriam incapazes de contribuir para o desenvolvimento do país.

A campanha do saneamento do Brasil – e não apenas no interior, como ressalva Belisário Pena – constituía um projeto a um só tempo social e moral, pertinente aos indivíduos e à sociedade. O progresso da nação dependia do trabalho e da produção, mas estas duas alavancas se achavam emperradas por efeito da generalização das endemias que abatiam as energias do homem produtivo. (BRITTO, 1995: 18).

Chagas se instalou no povoado de São Gonçalo das Tabocas, que depois da inauguração da estação ferroviária, foi renomeado como Lassance, em homenagem ao engenheiro responsável pelas obras. Ali, em um vagão de trem, montou um pequeno laboratório, que serviu à campanha, e à pesquisa em entomologia e protozoologia, áreas que ganhavam importância no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) a fim de torná-lo um grande centro de medicina experimental.³

Em uma das análises, identificou um protozoário do gênero *Trypanosoma*⁴, que batizou de *Trypanosoma minasense*. Durante uma viagem a Pirapora, tomou conhecimento sobre um percevejo, muito comum na região, conhecido como barbeiro, que tinha hábitos noturnos e costumava picar rosto das pessoas durante o sono. Ao examinar o intestino do inseto, Chagas, identificou novamente um protozoário do gênero *Trypanosoma*, que depois de vários estudos, em Manguinhos, vem a descobrir ser uma nova espécie. A qual batizou de *Trypanosoma Cruzi*, em homenagem a Oswaldo Cruz.

Baseado no caso da malária, doença transmitida por inseto hematófago, Chagas desenvolveu a hipótese de esse ser também um vetor de doenças que atingiam humanos. Após várias análises, em 1909, identificou o parasita no sangue de uma criança, da cidade de Lassance, o que a caracterizou como uma doença humana:

³ KROPF, Simone Petraglia. **Carlos Chagas e a descoberta de uma nova tripanossomíase humana**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/chagas/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=42>

⁴ Naquele período, [o estudo dos tripanossomas](#) atraía a atenção dos pesquisadores no campo da medicina tropical, especialmente depois que se comprovou que, além de doenças animais, tais protozoários causavam enfermidades humanas, como a tripanossomíase africana. Fonte: Tradicionalmente conhecida como doença do sono, esta enfermidade causava grande preocupação entre os países europeus que tinham colônias naquele continente. **KROPF, Simone Petraglia**. Carlos Chagas e a descoberta de uma nova tripanossomíase humana. **Disponível em:** <http://www.fiocruz.br/chagas/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=42>

a Tripanossomíase Americana ou Doença de Chagas, esse último atribuído por Miguel Couto.

Essa descoberta, e seus primeiros estudos foram decisivos na carreira de Chagas, que passou a integrar, definitivamente a equipe de Manguinhos, tornando-se candidato à sucessão de Oswaldo Cruz. O que efetivamente aconteceu após sua morte. Sendo indicado, em 1917, à direção do Instituto Oswaldo Cruz. (LIMA, 2009:56).

Esta trajetória acabou por influenciar a escolha dos filhos pela medicina, tanto Chagas Filho quanto se seu irmão, Evandro. Ambos traçaram trajetórias idênticas nos primeiros anos de estudos. cursaram o ensino básico no Curso Lyra e o secundário no Colégio Rezende, tradicionais instituições de ensino do Rio de Janeiro.

Evandro ingressou na Faculdade de Medicina Rio de Janeiro, em 1921. Após sua formatura em 1926, ingressou no curso de especialização em Microbiologia do Instituto Oswaldo Cruz. E passou a trabalhar com técnicas de eletrocardiografia, cujos estudos tornaram-se de grande valia para o conhecimento das alterações cardíacas provocadas pela doença de Chagas.

Por essas contribuições, além de outras referentes à febre amarela, à malária, e à Leishmaniose visceral americana, foi encarregado da Sessão de Patologia Humana do IOC, em 1931. A fim de dar continuidade ao estudo de doenças endêmicas no Brasil, Evandro Chagas, criou o Instituto de Patologia Experimental do Norte (IPEN), em Belém do Pará. Financiado por Guilherme Guinle. O IPEN funcionou como uma filial do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1940, Evandro faleceu, vítima de acidente aéreo.

Porém, sua trajetória assim como a do seu pai, influenciaram as escolhas de Carlos Chagas Filho, que na época em que entrou para a faculdade, já era filho do diretor do Instituto Oswaldo Cruz, e seu irmão tinha acabado de se formar médico especializado em microbiologia. Chagas Filho chegou a cogitar a carreira de direito, porém optou pela medicina. Ingressando na mesma faculdade de seu pai e irmão, em 1926.

É provável que tenha havido múltiplas influências sobre as motivações que levaram Chagas Filho à Faculdade de Medicina, mas é evidente a ascendência de sua família sobre sua opção profissional (LIMA, 2009:75).

Em 1927, ao terminar primeiro ano da faculdade de medicina, Chagas Filho vê-se frustrado pelo caráter essencialmente teórico das disciplinas:

Meu primeiro ano da Faculdade de Medicina foi muito decepcionante como ensino. A escola, como foi durante muito tempo, era um lugar onde professores, principalmente das cadeiras básicas, iam exclusivamente dar aulas. Iam com bastante regularidade, três vezes por semana, e davam aulas de tipo magistral, com muita eloquência, mas não havia cursos práticos, nem seminários ou contato entre professores e alunos (CHAGAS FILHO, Carlos (depoimento 1976). Apud LIMA, 2009:77).

Como alternativa, naquele mesmo ano, o jovem passou a combinar seus estudos teóricos da universidade, com a prática científica, realizada, por meio de estágio no Instituto Oswaldo Cruz. Este se encontrava sob a direção de Carlos Chagas (pai), e estava, desde o início de sua gestão, em 1917, focado em organizar as linhas de pesquisa e os laboratórios em sessões científicas, além de ampliar sua atuação na formação científica de estudantes de medicina.

Enquanto o curso médico básico é extremamente ruim (...), em Manguinhos encontrei um ambiente de ciência, de seriedade, que me entusiasmaram desde logo, e que foi, creio, decisivo na minha formação (CHAGAS FILHO, 2000:35)

Durante sua passagem por Manguinhos, Chagas Filho iniciou-se em práticas de hematologia no laboratório de Bacteriologia e Imunologia e ainda em Anatomia Patológica, com a função de auxiliar de autópsias. Para Analuce Girão, “Manguinhos era o caminho não apenas natural para a formação científica, mas onde Chagas Filho podia exercer sua profissão” (LIMA, 2009:81).

Chagas Filho formou-se em 1931, sendo premiado no ano seguinte, com a medalha Antonia Chaves Berchon de Essarts, concedida aos alunos com melhores notas ao longo dos cinco anos de curso⁵. Pouco tempo antes de concluir o curso, Chagas Filho assistiu, em Manguinhos, à conferência de Emmanuel Fauré-Fremiet, membro do *Institut de Biologie Physico-Chimique*, sobre Cinética do Desenvolvimento Celular, e teve seu primeiro contato com a biologia celular e a aplicação de métodos e técnicas das chamadas ciências básicas (física e química) em fenômenos biológicos.

⁵ A medalha, e o diploma referente à mesma, fazem parte do acervo do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho.

No final do quinto ano médico, um episódio veio modificar a minha orientação profissional, direcionada para a anatomia patológica das doenças tropicais. É que fui assistir a uma conferência do professor francês Fauré-Fremiet, do Colégio de França. Falou ele sobre 'a cinética do desenvolvimento', apresentando fenômenos biológicos não só analisados matematicamente como, também, interpretados à luz de conhecimentos físicos e químicos. Fiquei deslumbrado, pois tomei conhecimento de que os fenômenos que eu estudava, macro e microscopicamente, na análise morfológica que fazia, podiam ser aprofundados em uma nova dimensão. Esta seria realmente a que poderia explicar o que a aparência morfológica nos ensinava. (LIMA, 2009:38)

Após a conferência cresceu o interesse de Chagas Filho pelas ciências básicas, e a biofísica apresentou-se como um campo de estudos, ainda por ser explorado. O que, combinado ao receio de não dar continuidade ao reconhecimento obtido nas carreiras do pai e do irmão na medicina tropical, o levaram a optar por um novo rumo em sua carreira.

uma revelação de foro íntimo, inesperada, embora não surpreendente, diante das influências a que se encontrava submetido, surge quando Chagas Filho se indaga a respeito das notáveis carreiras científicas tanto de seu pai como do irmão mais velho (...) caso permanecesse dedicado à patologia tropical viria a se confrontar, mais cedo ou mais tarde, com duas obras, uma 'extraordinária' e outra de 'fulgor fora do comum' (ALMEIDA, 2008: 265)

Eu considerava que seria muito mais fácil, para mim, fazer carreira na Faculdade do que no Instituto (CHAGAS FILHO, *apud*, ALMEIDA, 2008:266)

Para Almeida, devemos entender a expressão muito mais fácil da seguinte forma:

carregar um nome notável traz consigo um ônus muito maior: a obrigação de não desmerecê-lo. A partir daquele momento, então, estaria clara para Chagas Filho a obrigação de fazer o possível para elevar seu próprio nome a alturas dignas das alcançadas pelo pai e pelo irmão. Para atingir esse pretendido e até mesmo necessário reconhecimento, não seria absurdo imaginar que a experiência de enfrentar uma nova proposta, em diferente disciplina, bem poderia ser vista como um caminho de mais fácil percurso (2008:268)

A esta decisão, seguiu-se a necessidade de comunicá-la ao pai. Segundo Chagas Filho, houve certo receio de como ele a receberia.

Fui ver meu pai e, pela primeira vez, achei-o alquebrado, pois estava sofrendo de um surto de alergia que lhe atacava, regularmente, as mãos. Um pouco

narcisicamente, achei que ele ficaria desapontado com o que seria, na verdade, um abandono da ciência médica tropical. Não foi assim que Chagas reagiu ao meu pedido, considerando-o razoável. Pediu, apenas, que eu fosse passar algum tempo no Hospital de Lassance para estudar, em contato próximo, os aspectos essenciais de uma parte das moléstias que assolam nosso país. (ALMEIDA, 2000:38).

Durante os anos de 1930 e 1931 trabalhou Hospital de Lassance, município de Minas Gerais, onde seu pai realizou pesquisa sobre a doença de Chagas, em 1908. Assumiu a direção do hospital após sua formatura, ao longo do ano de 1932. (CHAGAS, 2000). Ao regressar, decidido a seguir a carreira de pesquisa médica, voltou à Manguinhos, para especialização em Físico-Química, da qual recebeu o diploma em 1935.

Neste mesmo ano Chagas Filho casou-se com Ana Leopoldina Melo Franco, a quem chamaremos também de D. Annah. Caçula de dez filhos da união entre Afrânio de Melo Franco e Silvia Alvim, foi companheira de Chagas até o fim da vida, e com ele teve quatro filhas: Silvia Amélia, Anna Margarida, Cristina Isabel e Maria da Glória. Este casamento, mais do que um laço afetivo, acabou se tornando um ponto importante na trajetória de Carlos Chagas Filho.



Figura 2 - Chagas Filho, Ana Leopoldina e Filhas

Isso porque, Ana Leopoldina era descendente de duas importantes famílias da política mineira. Era neta, pelo lado materno, de Cesário Alvim (1839 - 1903),

importante político do Partido Liberal durante o império, sendo eleito deputado por diversas vezes, e nomeado presidente da província do Rio de Janeiro (1884-1886). Além de outros cargos assumidos durante os governos de Deodoro da Fonseca e Campos Sales.

Já pela descendência paterna, como já foi dito, era filha de Afrânio de Melo Franco (1870 – 1943), diplomata e político, teve participação no movimento que levou Getúlio Vargas ao poder, foi Ministro da aviação no governo interino de Delfim Moreira. Foi Ministro das Relações Exteriores, no governo provisório de Getúlio Vargas. No cargo, foi responsável pela reformulação da carreira de diplomática, e participação em questões relacionadas aos limites da América do Sul, envolvimento que lhe rendeu indicação ao Prêmio Nobel da Paz.

Porém foram participações diplomáticas de Afrânio de Melo Franco e Carlos Chagas que permitiram a aproximação dos filhos. Melo Franco, foi acompanhado de Ana Leopoldina, chefiar a delegação brasileira que participaria da IX Conferência Pan-Americana de Saúde⁶, realizada no Uruguai, em 1934, da qual Carlos Chagas e Chagas Filho faziam parte.

Anna Leopoldina e Carlos Chagas se casaram em cerimônia realizada na Igreja Nossa Senhora da Paz. A celebração foi marcada pela discricção, vez que os noivos encontravam-se em luto pelas mortes de Carlos Chagas e Amélia Melo Franco Senna, irmã mais velha de D. Annah e responsável pela sua criação desde a morte de Silvia Alvim, quando a caçula tinha apenas três anos.

O casamento facilitou não só a circulação de Chagas Filho em meios políticos, facilitando sua atuação em prol do movimento de criação das universidades no país e da regularização da biofísica, como veremos mais a frente neste trabalho. Mas também estabeleceu um novo elemento na vida de Chagas Filho, que foi definitivo em sua trajetória. Por conta da religiosidade de D. Annah, Chagas Filho reaproximou-se da fé católica, já praticada por sua mãe durante toda vida, mas nunca comungada por ele. Este novo sentimento religioso culminaria, anos mais tarde, em sua atuação na Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano, da qual foi presidente durante 16 anos.

Em 1937, Chagas Filho, foi efetivado no posto de professor assistente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. (Esquibel, 2010:17). E, por conta do decreto-lei 24, de 29 de novembro de 1937, foi obrigado a deixar os cargos de

⁶ Para informações sobre a conferência, consultar: LIMA, Nisia Trindade. O Brasil e a Organização Pan-Americana de Saúde. In: **Caminhos da Saúde Pública**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/editora/media/04-CSPB01.pdf>

ajudante de Caneiro Felipe, no laboratório de química e física do IOC, e o de professor do Curso de Aplicação do Colégio Pedro II, no qual lecionava matemática, física e físico-química, vez que segundo referido decreto era proibido o acúmulo de cargos por servidores federais. Afastou-se, portanto, do IOC e ainda mais, das carreiras escolhidas por seu pai e seu irmão.



Figura 3 - Cerimônia de posse de Carlos chagas Filho à cátedra de Física Biológica

Sua nova equipe foi formada, inicialmente, por ele, Tito Enéas Leme Lopes e Lafayette Rodrigues Pereira Filho. Ambos, colegas de Chagas Filho na Faculdade de Medicina. Cabia ainda definir o modelo de pesquisa científica a ser seguido. E, mais uma vez influenciado pela palestra de Fauré-Frémiet, Chagas Filho, partiu para estágio, nos países em que a pesquisa em física biológica encontrava-se mais desenvolvida: França e Inglaterra. A viagem foi realizada a partir de recursos próprios e com a ajuda de Afrânio de Melo Franco Filho, irmão de Annah, e que àquela altura era Embaixador Brasileiro em Paris.

(...) não tendo a preparação para realizar o que desejava, tomei a decisão, de comum acordo com minha mulher, de ir me aperfeiçoar no Velho Mundo.
(CHAGAS FILHO: 2000: 77)

Carlos Chagas Filho, contou ainda com o apoio e a recomendação de Miguel Ozório, médico fisiologista, e responsável pela vinda de Fauré-Frémiet ao Brasil. O que lhe proporcionou estágio no laboratório do cientista francês. Chagas entrou em contato ainda com o trabalho de Alfred Fessard, que desenvolveu um estudo de bioeletrogênese usando o modelo de um peixe-elétrico chamado *Torpedo marmorata*.

Na Inglaterra, na University College e em seguida em Cambridge, Chagas teve contato com técnicas modernas de microscopia, e novos métodos de pesquisa genética. Mas um dos maiores impactos da viagem estava ligado ao modo de trabalho desenvolvido na pesquisa e no ensino. Uma proposta que envolvia dedicação integral, e integração entre alunos e professores.

Na volta ao Brasil, estava definido o norte da organização do Laboratório de Biofísica na universidade. Porém, por conta de sua experiência em Manguinhos, Chagas sabia que precisava encaixar seu projeto dentro da política científica do Estado, caso contrário seria impossível estruturar o laboratório e receber financiamento. A referida política baseava-se no nacionalismo vigente no período. Chagas Filho então adotou o poraquê como objeto de pesquisa, associando o elemento nacional às técnicas internacionais de pesquisa.



Figura 4 - Chagas Filho no Laboratório de Física Biológica na antiga Faculdade Nacional de Medicina na Praia Vermelha

Em 1938, dedicou-se a convidar cientistas estrangeiros para trabalhar, ou estagiar por períodos definidos, na Cadeira de Biofísica que neste período já organizava novos laboratórios. Atividade que manteve ao longo de toda sua carreira, e que estimulou a pesquisa nos laboratórios, colocando-os em posição de destaque entre os centros de estudo de todo o mundo.

Uma vez definida a linha de pesquisa do Laboratório de Física Biológica, fazia-se necessário conseguir financiamento. Como, naquela época, não existam linhas de fomento públicas, ou políticas de incentivo. Chagas, num movimento comum aos cientistas de sua geração, recorreu ao seu círculo de amizades. Entre seus mecenas, estavam: Guilherme Guinle, industrial, grande amigo de Carlos Chagas, pai; Afonso Arinos de Melo Franco, deputado, irmão de Ana Leopoldina, e em um nível mais profissional a Fundação Rockefeller.

De início Chagas Filho transformou a cátedra de Física Biológica em Laboratório de Física Biológica. Informalmente, pois essa chancela jamais seria impressa nos papéis timbrados, embora o fosse na prática. Com ajuda de sua rede de relações pessoais, criou um cargo: o de Técnico Especializado, a partir do qual pôde contratar sua equipe para trabalhar em tempo integral, dedicando-se simultaneamente à pesquisa e ao ensino. (LIMA, 2009:95)

Em 1942, Chagas Filho assistiu, na Associação de Cultura Franco Brasileira, uma palestra sobre o desenvolvimento científico do *Institut de Biologie Physico-Chimique*, e dos novos estudos da ciência francesa sobre radioatividade sobre células vivas, o fez atentar para a defasagem do Brasil, no que se referia a equipamentos e instituições de ensino e pesquisa. Segundo Ana Luce Girão, Chagas atribuiu este atraso ao fato do ensino superior brasileiro estar, naquele momento, voltado exclusivamente para a formação profissional, não considerando a formação científica. Dessa conclusão surgiu o mote, e lema do futuro Instituto de Biofísica: *Na universidade se ensina porque se pesquisa*.

1.2 Carlos Chagas Filho e o IBCCF

Por meio do decreto-lei 8.393 de 17 de Dezembro de 1945, Chagas Filho criou o Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil (IB), órgão autônomo, independente da Faculdade de Medicina, ligado diretamente à Reitoria da Universidade. Reforçaremos o fato de que a criação do IB influenciou o campo da pesquisa em ciências no Brasil após a segunda metade do século XX. Segundo Lima, o Instituto de Biofísica passou a representar a transição para um novo modelo de profissionalização da ciência. A partir da introdução de atividades de práticas e experimentos, criando princípios hoje consolidados no meio acadêmico em diversas áreas do conhecimento, tais como a articulação ensino-pesquisa. (MARIANI, 1982: 201).

Além do cargo como diretor do Instituto de Biofísica e professor da Universidade do Brasil, Carlos Chagas Filho assumiu alguns postos importantes politicamente, no cenário científico nacional e mundial. Em 1941 tornou-se membro da Academia Brasileira de Ciências, da qual foi Vice-Presidente (1952-1954) e Presidente (1964-1966). Em 1947, membro do Instituto Brasileiro para Educação, Ciência e Cultura e em 1951 assumiu a direção da divisão de Pesquisas Biológicas do CNPq, cargo ocupado por três anos. Titulou-se Doutor em Ciências pela Universidade de Paris, França, assumindo dois anos depois a Presidência do Comitê Científico sobre Efeitos das Radiações, da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). No ano de 1958 ingressou na Academia Nacional de Medicina e em 1963 foi eleito Secretário Geral da Conferência das Nações Unidas para Aplicação da Ciência e Tecnologia ao Desenvolvimento, em Genebra, Suíça.

No ano seguinte, assumiu a presidência da Academia Brasileira de Ciências, por dois anos, e a direção da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também até 1966. Ainda, foi nomeado Embaixador do Brasil junto à UNESCO, em Paris. Em 1972 foi nomeado pelo Papa Paulo VI Presidente da Academia Pontifícia de Ciências, cargo exercido, no Vaticano, até 1988⁷. (Vieyra, 2010:51).

Outros anos importantes foram 1974 e 1980 quando foi eleito para Academia Brasileira de Letras, e recebeu o título de Professor Emérito da UFRJ, respectivamente. No ano de 1982 foi eleito Presidente da Academia de Ciências da América Latina, por ocasião da sua fundação, e coautor da Declaração de Prevenção da Guerra Nuclear. Em 1985, o Instituto de Biofísica passa a se chamar Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, em homenagem ao seu fundador.

Um ano antes de seu falecimento, recebeu a medalha Oswaldo Cruz e o prêmio Personalidade da Ciência do Rio de Janeiro, pela Fundação de Amparo à Ciência do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), que hoje leva seu nome. No dia 16 de fevereiro de 2000, morre aos 89 anos na cidade do Rio de Janeiro.

⁷Na referida academia foi mediador direto da reabilitação de Galileu Galilei por parte da Igreja, da datação do Santo Sudário, idealizador do documento da Igreja contra a guerra nuclear e grande responsável pela aproximação entre Fé e Ciência.

1.3 A fundação do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

A partir desta biografia resumida de Carlos Chagas Filho podemos entender um pouco mais do personagem central do Instituto de Biofísica e do museu que nos propomos a trabalhar.

O elemento que mais chama atenção quanto à relação daqueles que conviveram com Chagas Filho, é a constância de falas carinhosas, repletas de admiração, e certo tom de nostalgia. Durante todos os anos a frente do instituto, sua figura é sempre lembrada pela amabilidade e disponibilidade para conversar com colegas, funcionários ou alunos.

Alguns fatos, como veremos abaixo, o tornaram muito querido pela comunidade da Biofísica, entre eles aspectos de sua personalidade tais como seu senso ético, e seu envolvimento em temas, que não eram estritamente vinculados ao fazer científico.

O convívio com o professor Carlos Chagas Filho é uma rara lição de vida. Há uma sabedoria, uma bondade, que fluem naturalmente (...). Dotado de um elevado senso ético, de profundo humanismo, que se engaja com convicção na defesa dos temas da paz, da liberdade criativa, da possibilidade de comunicação entre os homens, Carlos Chagas Filho reveste sua vida e suas ações do sentido de beleza. Paulo Gadelha⁸.

Sua simpatia, e um constante interesse pelos profissionais e alunos que o cercavam são pontos recorrentes na fala de seus ex-alunos, como é explicitado no trecho abaixo, relatado, em entrevista, por Doris Rosenthal, professora Aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-chefe do Laboratório de Fisiologia Endócrina, que hoje leva seu nome.

A partir daí, considerei-me fazendo parte integrante do Instituto de Biofísica, sob a égide não do Professor Doutor Carlos Chagas Filho, Catedrático de Biofísica e Diretor do Instituto de Biofísica, mas do Dr. Chagas, simpático, humano, interessado em tudo e em todos, e muito, muito inteligente.

Mais uma vez seu interesse pelos problemas dos alunos é ressaltado na fala de Rafael Linden, docente e ex-diretor do IBCCF, chefe do Laboratório de Neurogênese. Porém chama atenção para o fato de Chagas Filho ser reconhecido pelo

⁸ Médico e atual presidente da Fundação Oswaldo Cruz (2009-2012).

seu bom humor, o que quebra a ideia de cientista, em senso comum, como uma figura introspectiva e sisuda.

Tinha bom humor e apreciava o dos outros, fazia suas piadas gostava de ironias. E jamais deixou de celebrar o sucesso de todos e cada um dos membros da instituição. Nunca deixou de se interessar pelos problemas que algum de nós enfrentava.

Denise Pires de Carvalho ressalta que uma das características do cientista, era também um traço da personalidade de Chagas, mesmo fora dos laboratórios do Instituto de Biofísica. Era uma pessoa observadora e atenta aos detalhes. Ao mesmo tempo, mostrava-se aberto a trocas com alunos, pelo simples prazer de uma conversa em um momento de lazer.

Chagas era uma figura ímpar, que parecia estar completamente desprovido de quaisquer interesses específicos ao travar uma simples conversa conosco. Ficava completamente envolvido com os assuntos expostos naquelas simples conversas de final de tarde – esse era o Chagas Filho diplomata. Era uma troca simplesmente solidária, sem necessários desdobramentos futuros. No entanto, apesar de aparentemente distraído, ele estava certamente analisando cada detalhe, desde a postura da voz até as respostas dadas a cada intervenção. Era um excelente observador e uma pessoa apaixonada por seres humanos – o Chagas Filho médico. Denise Pires de Carvalho⁹

Após sua morte, em 2000, a dedicação à memória do cientista levou um grupo de professores¹⁰ a organizar o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, em sua homenagem. O local escolhido para implementação do museu foram as salas correspondentes ao antigo escritório do pesquisador, a de sua secretária, e o espaço correspondente no subsolo. Áreas que gozam de posicionamento privilegiado logo na entrada do Instituto de Biofísica.

⁹ Docente e atual diretora do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho. Chefe do Laboratório de Fisiologia Endócrina Dóris Rosenthal.

¹⁰Grupo formado pelo então diretor do Instituto de Biofísica, Antônio Paes de Carvalho, Olaf Malm, a coordenadora de extensão do IBCCF, Tania Ortega e o professor aposentado, César Antonio Elias, responsável pela coleta e manutenção do acervo de instrumentos científicos do EMCCF, do momento da concepção, fevereiro de 2000, até a inauguração da reserva técnica em setembro de 2010.



Figura 5 - Sala de Exposição 1 - Gabinete Carlos Chagas Filho

Para realização de obras de adaptação, foi contratado um arquiteto indicado pela família de Chagas, Antônio Cavalcante. A captação de recursos se realizou a partir de projetos encaminhados à FAPERJ, prontamente concedidos pela instituição que leva o nome do pesquisador. Tanto a reforma das salas de exposição quanto a museografia das mesmas, foram realizadas sem quaisquer consultorias de profissionais das áreas de museologia ou conservação. No antigo escritório, colocando lâmpadas halógenas, de luz amarelada, que através das novas grandes paredes de vidro, lembrando enormes vitrines de exposição, causam contrastes com as lâmpadas fluorescentes dos corredores, fortalecendo uma sensação de aconchego e nostalgia.

Os diplomas expostos pelo próprio Chagas permaneceram ali, as principais medalhas, algumas de suas togas das diversas universidades das quais foi professor honorário, instrumentos científicos escolhidos aleatoriamente a partir da visão estética. Todo o acervo iluminado por uma enorme claraboia colocada no teto. O objetivo era enaltecer a memória do cientista, criando um lugar de Memória¹¹, como tratou Nora.

Um espaço onde a história de Carlos Chagas Filho ficaria mantida, sua importância para o Instituto de Biofísica seria reafirmada ali evitando que caísse no esquecimento com o passar dos anos, vez que ainda segundo Nora, os mecanismos de memória se mantêm através de movimentos de constante lembrança. Tema que será melhor desenvolvido no terceiro capítulo deste trabalho.

O que pretendemos ressaltar aqui é que o EMCCF, ao invés de ter como premissa a divulgar, expor ou comunicar o patrimônio (ICOM, 2007), o espaço se mantinha como uma grande vitrine do que havia sido a vida de Chagas Filho. O que

¹¹ “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais” (NORA, 1993:13).

colocava preservação dos objetos em risco visto não haver qualquer controle de temperatura, e obras em papel enquadradas e expostas permanentemente.

Todavia o EMCCF cumpria uma função que se tornava fundamental naquele momento, ou seja, substituir a figura de Chagas Filho emocional e politicamente. Nos caráter emocional, era latente que a morte do cientista fora sentida por muitos funcionários e colegas, ele era visto como um mentor, conselheiro e amigo por muitos deles. E a ausência ocasionou um sentimento de desorientação, o museu, neste caso, serviria como elemento reconfortante, e acalentador.

Do ponto de vista político a função do museu parecia ainda mais clara. Várias das conquistas do Instituto de Biofísica estavam relacionadas à influência de Chagas Filho. Evidentemente que com o passar dos anos, os laboratórios tornaram-se autônomos, e seus chefes reconhecidos por si. Mas a figura do fundador do Instituto ainda era relevante.

Os atuais chefes de laboratório foram submetidos a um tipo de socialização semelhante por Carlos Chagas, o que dá uma grande unidade à equipe. Essa "escola" enfatiza a prioridade da imaginação criadora e boa metodologia sobre aparelhagem sofisticada e dispendiosa, a necessidade de estar permanentemente ligado à "realidade brasileira" e a obrigação de formar novos cientistas dentro de um padrão "ótimo" de qualidade, garantindo a continuidade do trabalho (MARIANI, 1998: 325).

Assim como a relação com a família de Chagas Filho, que possui relações importantes e que por vezes são solicitadas para realização de eventos e divulgação de atividades e fatos importantes. Essa relação também deveria ser mantida mesmo após o falecimento de Carlos. Nesse sentido, acredito que naquele primeiro momento o museu tinha uma função afetiva mais importante que institucional. Seria através, daquele espaço, que seria possível manter algumas relações políticas importantes, muitas vezes conseguidas com a participação da família Chagas.

Com o passar dos anos, algumas novas posturas foram sendo adotadas, em 2008 criou-se o projeto "Descobrimo a Biofísica", que têm como objetivo divulgar a história do IBCCF e de seu fundador para alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas. A princípio eram realizadas visitas orientadas mensais, que contava com a participação de um laboratório que abria as portas para recepção dos jovens, e uma aula de física experimental.

Durante os anos de 2008 e 2009, a equipe do Memorial consistia em seu coordenador Olaf Malm. E mais dois graduandos em História da UFRJ para os quais,

através de projeto de extensão interno, foram concedidas bolsas de auxílio. Estes alunos realizavam as visitas guiadas com as escolas, e dedicavam-se a difundir a memória de Chagas Filho e do Instituto de Biofísica. O museu assumia, então, uma função de divulgação, mesmo que sem organização para tal, porém ainda não estava aberto a público espontâneo, seu funcionamento e abertura estavam restritos aos dias de visitas escolares, ficando fechado durante o restante do mês.

Em 2010, foram agregadas à equipe, através de concurso público, duas novas funcionárias para o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho. A primeira vaga estava destinada a um “Técnico de Assuntos Educacionais”, profissional com terceiro grau completo, em qualquer formação. Por sorte, ou coincidência, foi lotada para o cargo, uma historiadora, hoje, mestra em Educação, que logo tomou a frente das visitas e pesquisa prévia da trajetória de Chagas Filho e do Instituto. A outra, especificamente para museologia. O ganho de profissionais possibilitou o planejamento de uma nova gama de atividades, e com isso iniciou um movimento de reposicionamento do Espaço Memorial frente à comunidade da Biofísica.

1.4 O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho hoje

Atualmente o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho dispõe, como já foi dito, de uma equipe própria, que realiza atividades, criadas e desenvolvidas para reforçar seu papel como instituição museológica, que segundo o ICOM deve ser uma:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite.¹²

O primeiro passo para tentar cumprir esta missão, foi a regularização da situação institucional do museu. Até aquele momento, o Memorial, não existia legalmente na estrutura administrativa da universidade. Para tal, foi elaborado um Regimento Interno, aprovado em conselho deliberativo do Instituto de Biofísica, em 06 de junho de 2011, que vincula o EMCCF à Coordenação de Extensão do instituto. A decisão de subordinar o museu ao IBCCF e não diretamente à Reitoria da UFRJ, se deveu a

¹²A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment. Ibidem

questões de natureza prática, visto que desta forma, os trâmites burocráticos ocorreriam de forma mais rápida.

Paralelamente, foi desenvolvido um novo projeto voltado especificamente para a preservação e conservação do acervo do museu. O mesmo foi submetido à Pró-Reitoria de extensão, em fevereiro de 2011, que forneceu mais duas bolsas de iniciação científica. Também a partir desta ideia, foi negociada, junto à direção do IBCCF, a criação de uma reserva técnica para o museu. Estas são espaços de acondicionamento das peças que não estão em exposição no museu, e tem por função:

- Responder às exigências de conservação, limitando e antecipando os riscos de degradação, substituindo-os por condições favoráveis da conservação;
- Facilitar o acesso às coleções, a fim de favorecer o estudo e a difusão dos bens culturais;
- Permitir a movimentação das coleções garantindo a preservação e segurança dos bens culturais.¹³

A solicitação, apesar de aceita, apresentava dois entraves fundamentais: a falta de espaço físico e de verba. O primeiro foi resolvido com relativa facilidade. O laboratório de radiações, ainda estava sob a coordenação de Cezar Antonio Elias, professor aposentado, que nos últimos anos se dedicava às visitas escolares ao Espaço Memorial, e à coleta de instrumentos científicos para compor o acervo do mesmo.

A condição da sala era bastante insalubre. Há mais de 15 anos não se fazia reformas ou reparos, e as rachaduras, infiltrações e recente inundação (visto que a sala se localiza no subsolo), tornaram o ambiente propício à proliferação de fungos. No entanto, era a única sala disponível, e por anos tinha-se tentado que ela fosse cedida a outros laboratórios. O acordo feito foi que metade da sala, cerca de 20m² fosse passada à direção, e a outra metade sofresse reforma para a reserva técnica.

Após concordância de todos os envolvidos, ainda restava a questão financeira, e como em boa parte das vezes que esse tipo de problema surge, recorreu-se à FAPERJ. Tratava-se do ano do centenário de nascimento de Chagas Filho, e o

¹³ MIRABILE, Antonio. Reserva Técnica também é museu. In: **Boletim Eletrônico da ABRACOR**. Número 1. Junho de 2010. Disponível em: <http://www.abracor.com.br/boletim/062010/ArtigoAntonio.pdf> Acessado em: 06/04/2013.

momento era propício para a reivindicação. A verba foi concedida sem grandes alterações. E a obra durou cerca de seis meses, sendo entregue em maio de 2011, e inaugurada como uma das atividades da participação do Memorial no evento “Semana Nacional de Museus”¹⁴ daquele ano.

A estrutura da sala estava pronta, entretanto, não se dispunha de mobília. O projeto previa algum mobiliário, mas optou-se pela instalação de arquivos deslizantes, o que gerou um pedido de alteração de rubrica na FAPERJ, e conseqüentemente mais algum tempo até a autorização. Instalados os arquivos, ainda não se tinha onde trabalhar, e considerando que o espaço de acondicionamento do acervo encontrava-se reduzido à metade da metade do espaço, o que gerou nova dificuldade.

A solução proposta foi começar pela organização, catalogação e acondicionamento propício dos documentos em papel, visto que estes estavam em enormes fichários, sendo oxidado pelos ganchos de metal, e ocupavam bastante espaço em caixas empilhadas por todo o espaço. Para realização dessa tarefa, visto não haver arquivistas na equipe, estabeleceu-se uma parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), que promoveu treinamento adequado para o pessoal disponível.

Em inventário prévio identificamos 117 fichários, cada um com cerca de 250 documentos, o que totaliza 29.250 documentos a serem catalogados, higienizados e acondicionados. Este trabalho ainda está sendo desenvolvido, e hoje o EMCCF conta com duas arquivistas cedidas pela FIOCRUZ pelo período de seis meses, dado o interesse da mesma neste acervo. Pois se tratam de documentos complementares a uma série anterior encaminhada, anos atrás, à Fundação para tratamento e acondicionamento. Além dos documentos, foram identificados livros, revistas e uma série de catálogos que serão fundamentais por ocasião da catalogação do acervo museológico do Espaço Memorial.

Este trabalho, apesar de lento, tem se mostrado um dos mais recompensadores, pois de tempos em tempos, apresenta um documento surpreendente como o ofício circular encaminhado em 06 de agosto de 1973, pelo então reitor da UFRJ. Este documento, encaminhado à direção das diversas unidades da universidade, advertia

¹⁴ Promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a Semana Nacional de Museus acontece anualmente em celebração ao Dia Internacional dos Museus, 18 de maio. Com objetivo de promover eventos em instituições de memória, tais como museus, arquivos, bibliotecas, casas de cultura, redes sociais, galerias, sempre relacionados a um tema determinado pela coordenação do IBRAM. No ano de 2011, segundo dados do Instituto, 1.006 instituições participaram do evento, promovendo cerca de 3.080 eventos em mais de 500 cidades de todo o país.

sobre a organização e articulação de órgãos de representação estudantil. Fonte importante para pesquisas relativas à ditadura militar no Brasil.

Instrumentos propostos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), como o Plano Museológico, têm sido fundamentais para repensar a missão do Espaço Memorial. No início de 2013, a direção do Instituto de Biofísica sofreu mudança e a nova gestão mostra-se focada no desenvolvimento de atividades de divulgação científica. Este movimento aponta, para o desenvolvimento de um novo perfil para o EMCCF, que tem se mostrado como um instrumento de divulgação do saber científico realizado no Instituto de Biofísica, desde seu início até os dias atuais.

Martha Marandino (2007) propõe três perfis de divulgador de ciência, sendo eles: o próprio cientista, já que este é especialista do assunto e tem, ou deveria ter o compromisso de divulgá-lo à sociedade, o jornalista científico, que não estaria restrito ao museu, mas que contribuiria para a disseminação das informações contidas na instituição e de sua importância. E o terceiro perfil, seria o do monitores/mediadores, indivíduos que transmitem a informação científica, sem, necessariamente, formação naquela área de conhecimento.

A vivência proposta pelo Espaço Memorial, ainda que de forma intuitiva, em um primeiro momento, acaba por explorar os diversos perfis apontados por Marandino, principalmente no que diz respeito ao trabalho realizado com grupos agendados (principal público do museu). Estes são encaminhados a uma apresentação da história e memória de Carlos Chagas Filho e do Instituto, passando a seguir para o contato direto com um dos pesquisadores do IBCCF, que além de explicar sobre sua linha de pesquisa e as atividades por ela realizadas, leva os visitantes a uma visita ao laboratório. Por fim, em caso de grupos escolares, são encaminhados a uma atividade prática relativa ao tema abordado na visita.



Figura 6 - Visita do Colégio São Tomás de Aquino ao Laboratório de Fisiologia da Respiração

Nesse contexto, museu e sua equipe pretendem iniciar um movimento semelhante ao proposto por Maria Esther Valente (2005), em que a preocupação se volta para a valorização a experiência do público dentro do museu, a fim de promover a divulgação científica para um público cada vez maior e mais informado a respeito do assunto.

Para que os museus, particularmente os de ciência, possam estabelecer um vínculo autêntico com seu público real e potencial é preciso que ofereçam experiências valiosas. Desse modo, não só se promove o aumento do número de pessoas a interagir nesses locais como amplia-se o seu papel social (VALENTE, 2005: 201)

O perfil jornalístico referido por Marandino é representado em dois momentos. A partir de entrevistas concedidas à revistas de instituições interessadas no tema, tais como universidades, órgãos de fomento, periódicos científicos e outros. Além de notícias, e informações divulgadas através do site do museu¹⁵ e de sua página na rede social Facebook¹⁶. Esta última importante ferramenta de comunicação, principalmente com o público visitante das escolas.

Dadas estas transformações, o já citado projeto *Descobrimo a Biofísica* torna-se mais abrangente, hoje atende 62,5% a mais de alunos do que no ano de sua criação, conforme gráfico abaixo:

¹⁵ Informações no site do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho. Disponível em: <<http://www.biof.ufrj.br/memorial/>>. Acesso em junho de 2013.

¹⁶ Informações na página do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/emccf?ref=ts>> . Acesso em junho de 2013.

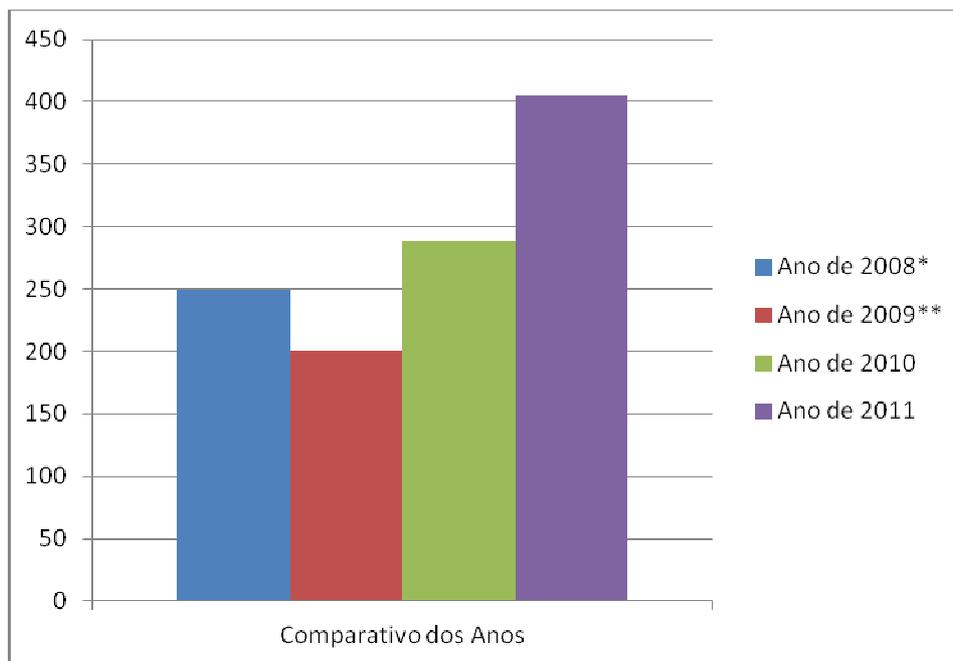


Figura 7 - Gráfico comparativo do número de visitantes do Projeto Descobrimos a Biofísica. Fonte: Setor Educativo EMCCF

Outra atividade desenvolvida pela coordenação de extensão do IBCCF, junto com a equipe do EMCCF foi uma revista em quadrinhos intitulada '*Sim, nós temos cientistas!*'. Foram produzidos 20.000 exemplares, que vêm sendo distribuídos gratuitamente para as escolas da rede pública de ensino, as secretarias municipais e estaduais de ensino e demais organizações interessadas.

A iniciativa da publicação, segundo Daniele Botaro, coordenadora do projeto, não estava diretamente relacionada às atividades do Espaço Memorial, consiste em um projeto de divulgação da história dos cientistas do Brasil, direcionada para o público infanto-juvenil.

Além desse pouco interesse demonstrado pelos jovens pela carreira na área de ciências, outra questão que chama atenção em uma pesquisa feita pelo MCTI em parceria com o Museu da Vida da Fiocruz (2010) é a falta de conhecimento pelos brasileiros sobre a história da ciência no Brasil e seus principais atores. 87,6% dos 2016 entrevistados entre 16 e 55 anos responderam que não conhecem um cientista brasileiro dos que disseram conhecer, somente 12,2% citaram um nome. Os mais lembrados foram Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Vital Brazil, citados em livros de história do Brasil.



No entanto, apesar de não ser o foco principal, o EMCCF é citado ao longo da história como fonte de pesquisa e espaço de divulgação da ciência e de sua história. A revista tem se mostrado uma forte ferramenta de divulgação. Principalmente sua versão completa, disponível no site do museu. A ação tem se mostrado tão bem sucedida, que a equipe já trabalha para o desenvolvimento de roteiro para nova publicação.

Outras atividades relacionadas à divulgação das atividades de difusão do trabalho e pesquisa realizados no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, consistem na participação em eventos independentes do Instituto de Biofísica, tais como a Semana Nacional de Museus, seminários das áreas de museologia e educação, ciclos de palestra em divulgação científica. Ainda, como projeto para o futuro próximo está a implementação de um grupo de pesquisa relacionado a museus e divulgação científica no próprio EMCCF.

Aos poucos, conforme o trabalho no museu vem sendo desenvolvido, e algumas necessidades para pesquisas supridas, na tentativa de influenciar uma mudança de mentalidade, mas ainda há um longo caminho pela frente até que se possa entender o EMCCF como um espaço museológico estabelecido, e com importância reconhecida pela comunidade na qual está inserido.

CAPÍTULO 2

Museus Universitários no Brasil

Capítulo 2– Museus Universitários no Brasil

O capítulo anterior apresentou o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, o percurso até sua criação e algumas de suas particularidades. Neste capítulo busca-se apresentar o contexto geral no qual ele se encontra, apresentando uma análise dos museus universitários. Deve ser considerado o fato que este trabalho propõe um recorte do caso brasileiro, direcionando-se com maior interesse às instituições vinculadas às universidades públicas deste país. Visto que nas universidades particulares, questões referentes à gestão e recursos podem apresentar grandes variações às estudadas, impossibilitando a confecção de uma análise concreta a tempo para este trabalho.

2.1 Espaços de ciência e as concepções sobre a Universidade no Brasil

Para entender a dinâmica dos museus universitários no Brasil, entendemos que é pertinente compreendermos também o processo de formação das universidades do país¹⁷. Diversos autores concordam em afirmar que este movimento se deu de forma tardia, se comparado com outros países da América, ocorrendo somente na década de 1930. Todavia não devemos confundir a ausência de universidades com inexistência de produção científica¹⁸ durante o período Colonial, Imperial e Primeira República.

Desde o século XVIII, podemos observar iniciativas de implantação de instituições vinculadas à formação e produção de conhecimento científico. Estas se dão por meio de academias, institutos de pesquisa ou de faculdades, entre outros. O entendimento da constituição destes locais de ciência e de sua importância para o sistema educacional brasileiro é fundamental para a compreensão dos caminhos para a criação das universidades no Brasil.

No período colonial, Reforma Pombalina em Portugal também repercutiu no Brasil, na medida em que muitos filhos da elite colonial iria estudar em Coimbra.

¹⁷Segundo dados do Censo 2011, publicado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, atualmente, existem no Brasil 2.314 instituições de nível superior. Destas 2.069 privadas e 245 públicas. Para fins desta pesquisa, serão estudados somente os museus vinculados a estas últimas.

¹⁸ Para este trabalho entendemos ciência conforme proposto por Moema Vergara –“um determinado conjunto de conteúdos de conhecimento obtidos através da aplicação de conteúdos de conhecimentos obtidos através da aplicação de um método e que depende do reconhecimento social e de uma transmissão sistemática”. (VERGARA, 2003).

Aquela universidade, a partir de 1772, passaria a ter seu foco direcionado à formação nas ciências da natureza (história natural, botânica, mineralogia, matemática, física e química), e no ensino técnico. Entre as responsabilidades destes homens da ciência, estava a de realizar pesquisa científica na colônia a fim de descobrir que elementos poderiam ser explorados por Portugal.

Desta geração de cientistas [formada pela Universidade de Coimbra], muitos, sobretudo os brasileiros, foram enviados ao Brasil para estudar suas riquezas vegetais e minerais. Tinham instruções para mandar relatórios a Portugal, com sugestões sobre aproveitamentos que pudessem ser úteis às combalidas finanças do Reino (CARVALHO, 2010: 17).

No Brasil também podemos observar a criação da Academia de Científica do Rio de Janeiro (1772), da Academia Real de Ciências (1779) e da Sociedade Literária (1786). Ambos resultados de influência da força do pensamento iluminista, vigente no período. José Murilo de Carvalho afirma ainda, que a atuação dos cientistas na colônia apresentou seu ápice entre os anos de 1796 e 1812, durante o governo de Conde de Linhares - D. Rodrigo de Souza Coutinho, sucessor de Pombal (CARVALHO, 2010: 18-19).

O estudo da flora brasileira mostrou-se fundamental, e tornou-se necessária a formação de pessoal qualificado para aplicar conhecimentos científicos, e colaborar com produtos comercializáveis para o bom andamento das finanças portuguesas.

Seria preciso então, instruir pessoas da colônia para atender aos pedidos da metrópole: empalhar animais, herborizar plantas, alfinetar borboletas, etiquetar espécimes e identificá-los, assim como retratar os animais e as plantas. (CARVALHO, 2010: 18-19).

A vinda da família real para o Brasil, em 1808 pôs fim ao período colonial, e consolidou algumas instituições, como a Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1813) – futura Faculdade Nacional de Medicina -, o Real Jardim Botânico (1808), o Real Gabinete de Mineralogia (1810 - posteriormente incorporado ao Museu Nacional), a Biblioteca Real (1814), o Museu Real (1818), o Observatório Astronômico (1827), entre outras. Ressaltamos que estes cursos de ensino superior, estavam voltados para a formação de profissionais que pudessem atender às demandas da corte na colônia, e para exploração de recursos naturais. Não existiam, naquele momento, quaisquer intenções para o desenvolvimento de pesquisa científica ou

formação cultural mais ampla, sendo estes uma forma de “treinamento e acesso às posições políticas e burocráticas dos filhos da elite do país” (SCHWARTZMAN, Simon, *apud*, ALMEIDA, 2001:49). Morara destaca:

Os cursos de nível superior foram criados depois da vinda da família real em 1808, por atos de D. João VI: Academia Militar do Rio de Janeiro (1810), Escola de Medicina da Bahia (1832). Foram também fundadas as Faculdades de Direito de São Paulo e Olinda (1827). (ALMEIDA, 2001:49)

Segundo Carvalho, esta geração, profundamente influenciada pela ilustração portuguesa, desapareceria ao final do Primeiro Reinado, o autor discorda de Maria Odila Dias, quando a autora defende continuidade no movimento ilustrado no Brasil. Para ele “uma indicação da ruptura é a ausência de cientistas no período intermediário, e, portanto de produção científica” (CARVALHO, 2010: 28). O período intermediário ao qual Carvalho se refere, é de 1831 a 1870.

Roque Spencer Maciel de Barros, afirma que a geração de cientistas de 1870, gera o movimento que ele chama de “Ilustração Brasileira”, ou movimento “ilustrado”. O autor justifica o uso do termo, propondo que aquela geração acreditava que por meio da reorganização do sistema educacional, do acesso à cultura e do desenvolvimento intelectual é que se poderia colocar o Brasil, em situação de igualdade com outros, econômica, política e socialmente mais desenvolvidos, tais como França, Inglaterra e Alemanha.

Usamos a expressão [ilustração brasileira] no seu sentido mais lato: os homens das décadas de setenta e oitenta se propõem, realmente a “ilustrar” o país; a “iluminá-lo” pela ciência e pela cultura; a fazer das escolas “focos de luz”, donde haveria de sair uma nação transformada (BARROS, 1959:7-8).

Além do nome adotado o autor justifica a definição da data. Segundo ele, o fim da Guerra do Paraguai e a fundação do Partido Republicano, no Brasil, a Guerra Franco-Alemã e o surgimento da terceira república francesa, são eventos que propiciam a difusão das *novas ideias do século*¹⁹. Barros sugere ainda que o ano de 1870 seria um marco para as críticas da Monarquia como regime de governo, uma vez que este mais correspondia aos anseios das correntes de pensamento do período.

¹⁹ Segundo Barros estes novos pensamentos são: o positivismo, darwinismo e materialismo.

(...), em relação à história das idéias, 1889 não é propriamente um marco: assinala, é verdade, o fim do império, mas não corresponde a nenhuma mudança de mentalidade. Poder-se-ia dizer mesmo que o Império terminara em 1870: desde então novas idéias exigiam uma forma de governo mais consentânea com as aspirações de liberdade; mais “moderna” em relação ao espírito “científico” (BARROS, 1959:7-8).

Esta geração propunha mudar o país através da ciência, cultura e educação, a instrução era elemento fundamental de transformação. E, tratando-se de um movimento de elite de uma sociedade escravocrata, quando se fala em educação, deve-se considerar que a prioridade era de um ensino superior, voltado para a formação desta classe.

O momento seguinte exigia a organização do estado, a formação de uma burocracia à altura das responsabilidades – e esta não poderia esperar pelo longo trabalho de organização dos diferentes graus de ensino e pela sua eficiente articulação: era imperativo resolver, fosse como fosse, o problema da instrução superior. Daí a criação de cursos jurídicos que, acrescentando-se aos cursos médicos já existentes, e que mais tarde passariam a Faculdades de Medicina, deveriam formar imediatamente a elite dirigente. (BARROS, 1959:30-31).

Spencer ressalta ainda que, apesar de ser um movimento com ideais voltados para as elites, o período é marcado por discordâncias que acarretam no surgimento de três correntes principais de pensamento: o católico conservador, o liberal e o cientificista²⁰.

(...) enquanto liberais e cientificistas procuraram, no domínio religioso, transformar as instituições para atender às reivindicações das consciências; enquanto lutam para por o país ao nível do século, os católicos se entregam à tarefa de conservar as instituições, de impedir que o fermento liberal, laico, o ideal cientificista, renovem a face do país (BARROS, 1959:28).

Os católicos eram contrários aos pensamentos ilustrados e defendiam a religião, em face a laicização da sociedade. Aliados a estes estavam os conservadores voltam-se a uma tentativa de consolidar os dogmas e reforçar o sistema institucional existente. Entre seus principais defensores, os Senadores do Império Cândido Mendes de Almeida, Figueira de Mello, Rodrigues Silva, Francisco de Paula Silveira Lobo e

²⁰ Ao longo do texto, o autor varia a terminologia das duas últimas correntes podendo ser identificadas como Liberais, ou Liberais clássicos. E Cientificistas ou Liberais cientificistas.

Zacarias de Goes e Vasconcelos; o Bispo de Olinda D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira; os deputados Leandro Bezerra e Tarquínio de Souza, entre outros (BARROS, 1959:33).

Como síntese dessa linha de pensamento tem: a soberania do direito divino e da lei eclesiástica, tendo a Igreja Católica como seu único intérprete; a subordinação do Estado à Igreja; religião como fonte de ensino e cultura e como consequência, a educação deveria estar somente sob responsabilidade daqueles que seguissem a fé católica, evitando a proliferação de *doutrinas subversivas*.

A sociedade, crêem [os católicos-conservadores], há de ser organizada a partir do direito divino, do qual a Igreja é o único intérprete legítimo e autorizado; a religião há de regular os aspectos todos da vida, acompanhando o homem do berço ao túmulo, impregnando de seu espírito todas as instituições; selecionando algumas para o serviço divino, amparando as outras na constituição da família, inspirando a educação, freando e coibindo os ímpetus satânicos de libertação (BARROS, 1959:35).

Já o grupo Liberal, ou Liberal Clássico, tinha, entre os seus representantes, Joaquim Nabuco, Tavares Belfort, Rui Barbosa²¹ e o senador Vieira da Silva. Entre suas particularidades, observa-se a necessidade de conciliar as vontades da elite vigente, acostumada com benefícios e direitos diferenciados, com os novos pensamentos liberais, que giravam em torno de visões sobre coletividade, racionalidade e razão pura (BARROS, 1959: 69-71). A proposta de solução para o entrave era seguir o modelo universitário alemão, baseado na excelência e na superioridade da ciência, que reconhecia a intervenção estatal como principal fator para a liberdade de ensino “democrático”.

(...) o modelo alemão garante plena liberdade doutrinária, e seu segredo está em trazer o princípio de ‘livre concorrência’, a ‘oferta’ e a ‘procura’, reguladas apenas pela competência (...) para o seio da universidade. E a universidade é o Estado: este não abdica de seu papel educador, apenas não impõe doutrinas (BARROS, 1959:86).

O último grupo mencionado por Roque Spencer é, por ele denominado Liberal cientificista, ou simplesmente positivista, pois é profundamente influenciada pelo

²¹ Barros afirma que o posicionamento de Rui Barbosa, inicialmente era ligado à corrente clássica dos liberais, e que com o desenvolvimento dos debates, mudou seu posicionamento e colocou-se ao lado dos cientificistas.

positivismo²² de Auguste Comte. Acreditavam na existência de uma evolução única a todas as nações, e o no caso brasileiro, o país apenas encontrava-se em outro momento histórico. Reconhecia na educação a chave para o progresso do país, e propunha uma transformação na realidade política, social e educacional do país, a fim de coloca-lo no mesmo *nível* dos demais.

O grupo tinha, entre seus representantes, Benjamin Constant, Sílvio Romero, Pereira Barreto, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, entre outros. Suas principais bandeiras apresentavam os seguintes temas: a abolição da escravatura, a liberdade de ensino, o direito como produto histórico-cultural, a emancipação feminina, entre outros. Estes postulados, segundo o autor, levariam o país à república (BARROS, 1959:131).

Assim, o programa cientificista, (...) concorda na necessidade urgente de transformar o país, de apressar a sua marcha para participar ativamente do drama universal, da grande aventura humana. E, para fazê-lo, é preciso substituir o romantismo pelo naturalismo, em literatura; o direito natural pelo direito positivo, na jurisprudência; o espiritualismo pelo monismo, positivista ou materialista, em filosofia; a monarquia pela república, em política; o privilégio pela livre concorrência, em economia, em educação; é preciso libertar a consciência do artificialismo das imposições constitucionais, para submetê-la apenas ao seu determinismo natural e às legítimas injunções coletivas; é preciso tornar livre o trabalho, rever a situação da mulher, reexaminar a concepção do Estado (BARROS, 1959:172).

As três correntes de pensamento, no entanto, concordavam ao defender o ensino livre, todavia discordavam no entendimento do que este tipo de ensino seria. Esta falta de consenso é interpretada pelo autor como um dos pontos prejudiciais ao sucesso do projeto da universidade no Brasil. Porém o principal motivo do insucesso dessa iniciativa foi o temor, dos grupos liberais, de que a centralização da educação superior nas mãos do Estado, enfraquecesse as liberdades provinciais conquistadas durante a Regência.

Assim, o Brasil continuaria, sem universidades, durante todo o período imperial. No entanto podem-se observar algumas tentativas para suprir essa carência. Uma delas é a criação da Escola de Minas de Ouro Preto, 1876. Criada por iniciativa de D. Pedro II, que em viagem à Europa, entre os anos de 1871 e 1872, quando ao

²² O positivismo é uma linha teórica da sociologia que começou a atribuir fatores humanos às explicações dos diversos assuntos, contrariando o primado da razão, da teologia e da metafísica. O método positivista consiste na observação dos fenômenos, subordinando a imaginação à observação, preocupando-se em tentar elaborar um sistema de valores adaptado com a realidade que o mundo vivia na época da Revolução Industrial, valorizando o ser humano e a paz.

encontrar Auguste Daubr e, diretor da escola de Minas de Paris, questionara o antigo colega da Academia de Ciências de Paris, acerca de maneiras para explorar as riquezas naturais do Brasil. Naquele momento, Daubr e sugeriu que o ensino de geologia no Brasil fosse feito por professores treinados no exterior.

De volta ao Brasil, o Imperador, envia uma carta a Daubr e convidando-o para uma visita ao país. O convite foi negado pelo pesquisador francês, vez que este acabara de assumir o cargo de diretor da Escola de Minas de Paris, e não queria abrir mão da posi o, contudo ofereceu-se para encontrar um substituto, que pudesse assessorar a fun o. O escolhido fora o francês Claude Henri Gorceix, licenciou-se em ciências física e matemática, na Escola Normal Superior de Paris, em 1866, onde foi aluno de Pasteur, e posteriormente professor de mineralogia, geologia e botânica na mesma institui o (CARVALHO. 2010: 33-38).

Gorceix aceita o convite, e em 1874, quando chega ao Brasil, inicia o projeto. Para tal, estava baseado em dois modelos: a Escola de Minas de Paris e a Escola de Minas de *Saint-Étienne*. Da primeira, Gorceix tomou por base o conteúdo de ensino, a ênfase dada às matérias básicas e a introdu o de mais anos de estudo. Da segunda, o método de ensino. Dentre os dispositivos mais relevantes, como marca da institui o, José Murilo de Carvalho, salienta:

- 1 – curso de dois anos, com dez meses de aulas, iniciando em agosto e terminando em junho; os dois meses restantes seriam empregados em excursões e trabalhos práticos;
- 2 – tempo integral para professores e alunos, com aproveitamento inclusive de sábados e domingos;
- 3 – sele o de alunos por concurso e um sistema de exames frequentes durante o ano;
- 4 – limita o do número de alunos a dez por turma;
- 5 – boa remunera o para professores;
- 6 – intensa prática de laboratório e viagens de estudos;
- 7 – bolsas de estudos para os estudantes pobres e pr mios de viagem   Europa ou Estados Unidos para os melhores alunos, a fim de se aperfeiçoarem em escolas e estabelecimentos mineiros e metalúrgicos;
- 8 – aproveitamento pelo Estado dos que melhor aproveitassem a viagem de aperfeiçoamento;
- 9 – Ensino gratuito. (CARVALHO. 2010: 39-40).

Para além dessas propostas, Gorceix sugeriu ainda que a Escola seja sediada na cidade de Ouro Preto, pois não v  razão para a localiza o da mesma em grandes

centros. E a proximidade com as riquezas minerais da região permitiria estudos teóricos e demonstrações práticas. O projeto foi encaminhado ao imperador e aprovado plenamente. Sua manutenção, no entanto, sofreria algumas modificações ao longo dos anos, em função de problemas de cunho político e econômico. Acontece, que naquele momento o grande produto a ser explorado era o café, e não justificava a contratação de engenheiros de minas e geólogos a maioria dos cargos disponíveis.

A falta de mercado de trabalho, e a previsão de pouco ou nenhum investimento na área, fez com que a Escola fosse sendo descaracterizada, e culminou por se voltar a um local de formação de engenheiros civis. No entanto é importante ressaltar o exemplo da Escola de Minas de Ouro Preto, por sua intensão de desenvolver uma instituição que aliasse ensino e pesquisa, modelo que só seria retomado no momento do debate sobre as universidades anos mais tarde (LIMA, 2009:129).

Nos primeiros anos da República surgem ainda: o Instituto Vacinogênico (1892); o Instituto Bacteriológico (1893) e o Instituto Butantã (1899), organizações responsáveis “por muito do que se produziu na ciência brasileira até a década de 1930” (VERGARA, 2003:56). A afirmação acima é comungada por José Murilo de Carvalho que confere à falta de formação de cientistas nas instituições de ensino superior, o surgimento do Instituto Oswaldo Cruz (1908), que conferiria à pesquisa biológica desenvolvimento mais significativo (CARVALHO, 2010:29).

Em 1916 surge outro importante componente para a criação das universidades no Brasil, a Sociedade Brasileira de Ciências. Fundada como organização privada independente do governo, tinha como objetivos principais o estímulo ao trabalho científico de seus membros²³, o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão do conceito de ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país²⁴.

A partir de publicações como *A Revista da Sociedade Brasileira Ciência*, que teve três volumes anuais publicados entre 1917 e 1919, e foi retomada como *Revista de Ciências*, em 1920-1921, a Sociedade passa, cada vez mais, a ter sua opinião respeitadas e suas sugestões na área das ciências acolhidas. Em 1921, passa a se chamar Academia Brasileira de Ciências, e em 1923 apresenta seu projeto de universidade, no qual defendia a liberdade de pesquisa e a supremacia das ciências naturais como física, química e matemática. Promovendo o primeiro debate, entre intelectuais, sobre a função universitária.

23 Entre seus membros estavam seus fundadores : Henrique Morize, Enes de Sousa, Miranda Ribeiro, Carvalho e Melo, Júlio César Diogo, Ângelo da Costa Lima, A. Childe, Roquette Pinto, Alberto Betim Paes Leme e Everardo Backheuser. Bruno Lobo, Lima Mindelo, Lohman e Daniel Henniger, e diversos outros docentes de instituições científicas, como o Museu Nacional, o Observatório Nacional, o Serviço Geológico e Mineralógico e o Instituto Oswaldo Cruz.

24 ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **História.** Disponível em: <http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=4> Acesso em: junho de 2013.

A discussão foi reforçada, em 1927, pela Associação Brasileira de Educação, criada em 1924, com objetivo de desenvolver o pensamento crítico a respeito das questões educacionais do país e defende a educação laica nas escolas públicas. Esta discussão perduraria até o início dos anos 30, quando o Estado brasileiro promove uma reforma educacional, na qual o ensino superior ganha destaque (LIMA, 2009: 128-130).

Em 1920, o então presidente Epiácio Pessoa, por meio do Decreto nº 14.343, institui a Universidade do Brasil. Iniciativa, que para os autores estudados, passa ao largo das discussões do período. Esta era basicamente uma fusão das faculdades federais de Medicina e de Engenharia (descendentes do Curso Médico e da Academia Real Militar).

DECRETO N. 14.343 — DE 7 DE SETEMBRO DE 1920

Institue a Universidade do Rio de Janeiro

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil:
Considerando que é opportuno dar execução ao disposto
no art. 6.º do decreto n. 11.530, de 18 de março de 1915;

Decreta:

Art. 1.º Ficam reunidas, em «Universidade do Rio de Janeiro», a Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, dispensada esta da fiscalização.

Art. 2.º A direcção da Universidade será confiada ao presidente do Conselho Superior do Ensino, na qualidade de reitor, e ao Conselho Universitario, com as attribuições previstas no respectivo regulamento.

§ 1.º O «Conselho Universitario» será constituído pelo reitor, com voto de qualidade, pelos directores da Escola Polytechnica e das Faculdades de Medicina e de Direito, e mais seis professores cathedrauticos, sendo dois de cada congregação, eleitos em escrutinio secreto, por maioria absoluta de votos.

§ 2.º O regulamento da Universidade será elaborado no prazo de trinta dias, por uma comissão composta do presidente do Conselho Superior do Ensino e dos directores da Escola Polytechnica e das Faculdades de Medicina e de Direito, seguindo-se a sua approvação, dentro do prazo de quinze dias, pelas tres congregações reunidas, para esse fim convocadas pelo dito presidente.

§ 3.º O presidente do Conselho Superior do Ensino expedirá as necessarias instrucções para approvação do regulamento, que entrará em vigor depois de revisto e approvedo pelo Governo.

Art. 3.º A Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a de Direito do Rio de Janeiro será assegurada a autonomia didactica e administrativa, de accordo com o decreto n. 11.530, de 18 de março de 1915, devendo o regulamento da Universidade adaptar a sua organização aos moldes do alludido decreto.

Art. 4.º A Faculdade de Direito do Rio de Janeiro continuará a prover todas as suas despezas exclusivamente com as rendas do respectivo patrimonio, sem outro auxilio official ou vantagem para os professores além dos que lhes são outorgados pelos seus estatutos.

Art. 5.º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1920, 99.º da Independencia e 32.º da Republica.

EPITACIO PESSÔA.

Alfredo Pinto Vieira de Mello.

25

No entanto, para Simon Schwartzman (2006), esta, sequer é considerada a primeira universidade do país. O autor justifica a afirmação por conta de dissidências entre o governo federal e a Igreja Católica, que seria responsável pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, órgão central da Universidade do Brasil.

o governo federal colocaria a instituição líder da Universidade do Brasil, a nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sob a tutela da Igreja Católica (Schwartzman, 1991b; Schwartzman et al., 2000). Essa faculdade seria a unidade central da universidade: desenvolveria pesquisa e ensino de alto nível nas ciências e humanidades, prepararia professores para o ensino secundário e infundiria competência científica nas velhas faculdades profissionais que

²⁵ Informações no site do Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – SIBI. Disponível em: <http://www.sibi.ufrj.br/Projeto/decreto.html>

havam sido incorporadas à universidade quando essa foi estabelecida. Por diversos motivos, o acordo com a Igreja não vingou, e, na década de 1940, a Igreja Católica decidiu criar a sua primeira universidade privada, também no Rio de Janeiro. Assim sendo, a primeira e mais bem-sucedida universidade da década de 1930 não foi a universidade nacional no Rio de Janeiro, mas a universidade do Estado de São Paulo, conhecida até hoje como Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934. (SCHWARTZMAN, 2006: 163)

Conforme observado, Schwartzman considera a Universidade de São Paulo (USP), sua formação tem muito das propostas feitas por Gorceix para a Escola de Minas. Em ambos os casos observamos, diferentemente das suas instituições contemporâneas, defendiam a valorização dos seus professores, não somente enquanto cientistas, mas como intelectuais, referencias em suas especialidades. Pleiteavam o ensino gratuito, e, buscavam através do ensino qualificado, formar um grupo profissional qualificado, que pudesse dispor do conhecimento obtido no meio acadêmico para fomentar a economia do país.

Desde o início, pois, a Universidade de São Paulo foi uma instituição voltada para o mundo, com um corpo docente formado de professores da Europa, freqüentada em grande parte por filhos dos imigrantes europeus que constituíam uma parcela considerável da população do estado. Naqueles anos, a ambição da nova universidade foi não apenas desenvolver competência profissional e conhecimento aplicado para fazer crescer a economia, o que de fato ocorreu, mas também trazer civilização ao Brasil por meio da “ciência pura” e do “pensamento puro” (SCHWARTZMAN, 2006: 165).

Em 1934, o Ministério da Educação e Saúde (MES) foi entregue ao advogado mineiro Gustavo Capanema. Figura influente durante o governo Vargas promoveu uma reforma no sistema educacional brasileiro, propondo que a educação deveria estar a serviço da nação. Atingindo principalmente o ensino secundário e universitário. No primeiro caso, instituiu um primeiro ciclo de quatro anos de duração (ginasial) e um segundo ciclo de três anos (clássico ou o científico), incluindo o ensino de línguas estrangeiras (inglês e francês) no currículo escolar.

No caso do ensino superior, o ministro Capanema inicia um processo de reformulação da Universidade do Brasil que passa a funcionar de forma unificada e se aproximando do modelo “vanguardista ou progressista em relação a assuntos educacionais, científicos e tecnológicos” da Universidade de São Paulo (SCHWARTZMAN *apud* ALMEIDA, 2001:50). Ainda durante a gestão Capanema no

MES, uma outra universidade foi criada, contrária à vontade do ministro, somente foi instituída por iniciativa do Prefeito do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto Batista, que contou com autorização direta de Getúlio Vargas.

Esta era a Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 4 de abril de 1935, atendia várias das demandas dos liberais da geração de 1870, e se aproximava da proposta da Universidade de São Paulo em diversos aspectos, como o ensino gratuito e contribuir para formação da intelectualidade brasileira. A UDF promoveu a formação do primeiro curso de história do Rio de Janeiro, do qual a cátedra de História do Brasil foi entregue a Afonso Arinos de Mello Franco.

Comprometida com a defesa do ensino público, laico e gratuito, a nova universidade tinha como objetivo principal encorajar a pesquisa científica, literária e artística, além de difundir, via ensino regular em escolas e cursos populares, as ciências e as artes. A UDF pretendia não somente formar profissionais, mas 'quadros intelectuais' para o Brasil (FERREIRA, 2012: 613).

Contudo o projeto da Universidade do Distrito Federal encontrou na Igreja Católica e no próprio Ministério, dois fortes opositores. A Igreja ia contra seu caráter laico, e o MES via no vínculo direto da UDF ao estado do Rio de Janeiro, uma falta em relação ao Estatuto das Universidades Brasileiras, de 1931, que definia que as estas deveriam subordinadas ao Governo Federal. Seus fundadores e professores foram acusados de participação na Revolta Comunista de 1935, o que culminou na destituição e prisão de Pedro Ernesto (FERREIRA, 2012: 614).

Aos poucos, a UDF foi se diluindo, até que em 1939, foi integrada à recém-reformulada Universidade do Brasil. Esta havia sido reorganizada de acordo com a lei nº 452, de 5 de julho de 1937, com caráter distinto dos demais projetos anteriores. A nova Universidade do Brasil deveria servir de modelo para as demais instituições do país, atraindo jovens de toda parte.

Entre suas características principais, estava mantida, a exemplo da UDF e da USP, a contratação de professores estrangeiros e a abrangência de diversas áreas do conhecimento. No entanto, ao contrário da reivindicação de suas precursoras, tinha sua administração era totalmente centralizada, sendo exercida pelo Ministério da Educação e Saúde. A universidade tinha a Faculdade Nacional de Filosofia como seu núcleo integrador e que enfatizava a preparação de professores secundários, sem comprometimento maior com o desenvolvimento da pesquisa.

Formalmente, as atividades de pesquisa haviam sido propostas, porém não ocorreram de uniformemente, ficando restritas aos laboratórios e institutos mais interessados, ou politicamente mais bem relacionados. Características que foram percebidas por Chagas Filho e propiciaram as condições ideais para a institucionalização da ciência na Universidade do Brasil e a fundação do Instituto de Biofísica.

2.2 A participação de Carlos Chagas Filho na reforma da Universidade do Brasil

Carlos Chagas Filho teve participação ativa nas discussões das Academias Brasileiras de Ciências e de Educação citadas anteriormente. Sua fácil circulação no meio político brasileiro, advinda de sua filiação e de seu casamento com D. Annah, facilitou o acesso e proximidade a Francisco Campos e Gustavo Capanema, importantes ministros do período. Responsáveis pela instituição da Universidade do Brasil em 1937. (LIMA, 2009: 138-147).

Um modelo de caráter nacional, com foco voltado para a pesquisa científica em diversas áreas do conhecimento, que deveria ser seguido pelas demais instituições do país. Para atingir esses objetivos, a exemplo da USP, contratou professores e pesquisadores estrangeiros, e contrariando os objetivos da universidade paulista, estava diretamente administrada pelo governo federal, por intermédio do Ministério de Educação e Saúde (MES).

Apesar de estes serem, formalmente, os objetivos da reformulada Universidade do Brasil, a articulação ensino e pesquisa só aconteceu efetivamente em alguns institutos, de acordo com a capacidade de articulação de seus representantes. Este foi o caso da Cátedra de Física Biológica e de Carlos Chagas Filho, que assistiu com entusiasmo a formação da Universidade de São Paulo, e sua capacidade de se valer, de perseguições políticas a cientistas de países europeus, em especial Alemanha e Itália, para trazê-los para a instituição.

Em entrevista²⁶ de 1985, Carlos Chagas Filho afirma que ia pelo menos uma vez ao mês a São Paulo para estreitar laços com os pesquisadores de lá. Relação que facilitou o contato de Chagas com cientistas estrangeiros que ajudariam, na Universidade do Brasil, na tarefa de formar uma tradição científica brasileira, em combinação com as já estabelecidas no Instituto Oswaldo Cruz.

²⁶ CHAGAS, Carlos. (depoimento 1976) Rio, FGV/CPDOC – História Oral, 1985 (História da Ciência – Convênio FINEP/CPDOC). 6ª entrevista, Fita 8. *apud* LIMA, A. L. G. S. de. *op.cit.*, p.141.

No entanto a Universidade do Brasil, ainda deixava de fora um dos aspectos mais defendido por Chagas Filho, a garantia de remuneração adequada para dedicação integral dos pesquisadores. Como forma de contornar essa falta, Carlos Chagas Filho, promovia, no Instituto a complementação salarial, por meio de bolsas da Fundação Rockefeller.

2.3 Museus universitários no Brasil, primeiros passos.

É claro que os museus universitários só serão criados após a fundação das universidades. Para análise dos museus universitários no Brasil é importante se levar em consideração o Museu Nacional, importante instituição brasileira de pesquisa percorreu o caminho singular aos demais museus desta categoria. Tendo 1818 como data de fundação, muito anterior à criação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição da qual atualmente faz parte, tornando-o um museu universitário, apesar de sua tradição remeter a outros contextos históricos.



O então Museu Real, não era aberto ao público em geral, e sim voltado à aplicação prática e à pesquisa, com objetivo de mapear a natureza, a mineralogia, a fim de conhecer as riquezas da nova terra. Sua visitação restringia-se a membros da elite, acompanhados da Guarda Real. Inicialmente, localizado no Campo de Santana, depois é transferido para o Paço Imperial, para somente em 1893 ir para o Paço de São Cristóvão²⁷.

²⁷ Informações no site do Museu Nacional, disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/o-museu/visao-geral>>. Acesso em junho 2013.

Para Maria Margaret Lopes (2009) este museu, que mais tarde recebe o nome de Museu Nacional, nasceu como um importante centro de pesquisa científica e ensino de história natural. E ainda que não estivesse vinculado a nenhuma universidade, assumia a função de instituição de ensino quando: “associou às suas funções a promoção de cursos superiores de ciências naturais, a ampliação do ensino ao nível elementar e a divulgação científica para o público leigo”. (VALENTE, 1995).

Em 1946, o Museu Nacional é incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, devido a uma crise interna, falta de verbas e pessoal e à insatisfação dos pesquisadores. Hoje, o museu apresenta situação diferenciada dispendo de sede e verba próprias, além de uma equipe mais completa que as demais instituições da referida universidade.

Outros seis museus compõe o quadro institucional da UFRJ, sendo eles: o Museu da Escola Politécnica²⁸, fundado em 1977; o Museu D. João VI²⁹, vinculado à Escola de Belas Artes, de 1979; Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ – Casa da Ciência³⁰, instituição independente dos demais centros e institutos da universidade, inaugurado em 1995; o Museu Virtual da Faculdade de Medicina³¹, 2001; e o Museu de Geodiversidade³², vinculado ao Instituto de Geociências, criado em 2007.

Com o passar dos anos o número de museus universitários cresceu de forma considerável, e os mesmos tiveram sua especificidade reconhecida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), o que resultou na criação, em 2001, do Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções (UMAC), que atualmente está representado em 36 países e a sua base de dados inclui registros provenientes de 50 países³³. Dentre as finalidades do UMAC incluem-se:

- Favorecer a troca de ideias e conhecimentos entre profissionais e outros colaboradores de museus, galerias e coleções universitárias – incluindo jardins botânicos e herbários;
- Constituir um fórum de colaboração e parcerias, bem como a partilha de recursos, conhecimentos e experiências no sentido de promover o acesso às coleções;
- Promover a comunicação entre seus membros, incluindo a realização de uma conferência anual;

²⁸Informações no site do Museu da Escola Politécnica <http://www.poli.ufrj.br/politecnica_museu.php>. Acesso em junho 2013.

²⁹Informações no site do Museu D. João VI <<http://www.museu.eba.ufrj.br/>>. Acesso em junho 2013.

³⁰Informações no site do Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ – Casa da Ciência <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/>>. Acesso em junho 2013.

³¹Informações no site do Museu Virtual da Faculdade de Medicina <<http://www.museuvirtual.medicina.ufrj.br/>>. Acesso em junho 2013.

³²Informações no site do Instituto de Geociências <<http://museu.igeo.ufrj.br/historia/>>. Acesso em junho 2013.

³³UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS.UMAC: University Museums and Collections. Disponível em:<<http://publicus.culture.huberlin.de/umac/pdf/UMACFlyerPortuguese.pdf>>. Acesso em março de 2013

- Elaborar políticas e linhas de orientação para conservadores, diretores e outros profissionais, bem como apoio consultivo a universidades, ao ICOM ou a outros organismos profissionais, quando solicitado;
- Exercer uma advocacia forte em favor dos museus e coleções universitárias perante governos e outros agentes políticos, instituições de ensino superior e setor dos museus em geral, bem como o setor privado, das profissões e do público em geral;
- Estimular o desenvolvimento profissional e de carreiras, incluindo intercâmbio de pessoal.³⁴

Segundo pesquisa realizada em 2001, foram identificados 116 museus ligados a universidades públicas no Brasil (ALMEIDA, 2001:51). Em 2013 chega-se, de acordo com dados do Cadastro Nacional de Museus (CNM) ³⁵ e o UMAC, a 133 e 168 museus universitários no Brasil, já incluindo o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho. A variação dos números é decorrente do fato que a adesão a ambas as bases de dados é opcional, e realizada pela própria instituição.

Considerando que o número de universidades públicas brasileiras, corresponde a pouco mais de 10% de todas as instituições de ensino superior do país, entendemos que o potencial número de museus vinculados à universidades particulares, apresenta-se como um interessante ponto de estudo a ser desenvolvido em pesquisa posterior.

2.4 Museus universitários e sua especificidade

Ao pensar a respeito dos museus universitários brasileiros nos remete a sua função e manutenção dos mesmos. Apesar do reconhecimento geral de seu papel como gerador e difusor de conhecimento, este tipo de instituição ainda sofre com problemáticas típicas das grandes universidades do país: falta de verba, de pessoal e de espaço físico.

Nas pesquisas sobre esses museus (universitários) – brasileiros e estrangeiros – encontramos alguns pontos comuns, como dificuldades financeiras, a falta de autonomia, a relação por vezes íntima ou por vezes distante com os departamentos afins (incluindo aí alunos, professores e funcionários), com a comunidade universitária e com a comunidade regional, o abandono das coleções, a falta de espaço para armazenamento e para exposições, a falta de

³⁴ IDEM

³⁵ Instrumento criado em março de 2006, pelo Sistema Brasileiro de Museus como ferramenta para “facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros”.

profissionais especializados em atividades museológicas, entre outros (ALMEIDA, 2001:04).

Segundo Marta Lourenço (2010), a dificuldade básica deste tipo de museu pode ser definida pelo fato de estarem sob a gestão de instituições de ensino superior que, comumente, não conseguem financiar seus museus ou não tem interesse para tal, colocando-os, juntamente com suas coleções em uma situação vulnerabilidade. E, como se não fosse suficiente, estes museus devem ainda lidar com as questões específicas das disciplinas com as quais se relaciona. Granato e Lourenço consideram que “a constituição de museus nas universidades é frequentemente um processo arbitrário e carece da conjugação de circunstâncias singulares favoráveis” (LOURENÇO, 2010:53).

Ambos cenários são observados no caso do EMCCF, o museu hoje está sob situação singular no momento de criação é observado claramente no caso do EMCCF, pois como já foi exposto, este foi fundado em um momento de luto, como um movimento de homenagem, celebração à memória de Chagas Filho.

Outro elemento comum, do Espaço Memorial com os museus estudados na literatura, é a formação do seu acervo, que segundo Almeida (2001) pode ocorrer de diversas maneiras: “pela aquisição de objetos e coleções de particulares por doação ou compra, pela transferência de um museu já formado para a responsabilidade da universidade; pela coleta e pesquisa de campo; ou a combinação destes processos” (ALMEIDA, 2001:13). No caso do Memorial, observa-se a combinação da doação feita pela família de Carlos Chagas Filho, e pela coleta realizada por Cezar Antonio Elias, professor aposentado do Instituto de Biofísica e curador do museu no momento de sua criação.

Dentre as questões ressaltadas por Roberta Smania Marques e Rejâne Maria Lira da Silva os principais problemas encontrados em museus universitários nacionais e estrangeiros são:

1) dificuldades financeiras; 2) falta de autonomia; 3) tensões nas relações com departamentos (entre professores, estudantes e funcionários) e com as comunidades universitária e local; 4) pressão dos departamentos para a utilização do espaço; 5) abandono das coleções; 6) falta de espaço para armazenamento e para a exposição; 7) falta de profissionais especializados em atividades museológicas; 8) chefia exercida por pessoas sem formação na área museológica; 9) acúmulo de função por parte dos dirigentes. (MARQUES, 2011:78)

Podemos identificar todos esses problemas no EMCCF. Considerando que o museu não possui verba própria, depende exclusivamente do financiamento de agências de fomento e de recursos do Instituto de Biofísica, ao qual está subordinado. O que acarreta, além de problemas financeiros, numa total falta de autonomia, já que quaisquer decisões da equipe do museu devem ser respaldadas não somente pelo coordenador do mesmo, como pelo diretor do instituto.

No ponto abordado sobre as tensões com os demais departamentos, estas se dão basicamente por uma questão de espaço físico, já discutida no primeiro capítulo deste trabalho. Já a coleção do EMCCF, foi composta por doação da família do cientista e coleta de equipamentos descartados pelos diversos laboratórios. Por falta de espaço e pessoal especializado esta coleção passou quase uma década em abandono, guardadas em uma sala sujeita a alagamentos e infestação por pragas.

Como foi dito, por mais de dez anos, o Espaço Memorial não dispunha de uma equipe própria de trabalho, apenas contando com a boa vontade de alguns pesquisadores que cediam, de tempos em tempos, bolsistas para realizar as tarefas de recepção do público, sem levar em conta atividades museológicas, por conta de falta de pessoal especializado.

Observamos ainda os últimos dois pontos, a coordenação do museu sempre foi exercida por professores do Instituto de Biofísica, normalmente, pessoas sem experiência em instituições museais, e com pouquíssimos tempo e afinidade para se dedicar a tal tarefa, visto que normalmente são profissionais dedicados à docência e à pesquisa.

A percepção de problemáticas específicas vem levando os museus universitários a formar grupos ou fóruns de discussão, nos quais podem juntos refletir sobre possíveis caminhos, que solucionem ou ao menos amenizem algumas das dificuldades fundamentais dessas instituições e onde se torne possível realizar estudos sobre este tema ainda pouco explorado.

Dentre estes grupos estão o já citado Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções, que segundo informações recolhidas em seu site se reúne anualmente. Em esfera nacional, temos o registro do Encontro de Museus Universitários, ocorrido em 2006, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)³⁶.

A exemplo desses encontros o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, promoveu, em 2011, como parte da Semana Nacional de Museus, a mesa redonda

³⁶Informações no site da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <www.ufmg.br/online/arquivos/004008.shtml>. Acesso em março de 2013.

Museus e Memória: Instituições de Memória da UFRJ. Da qual participaram representantes de três museus da universidade - o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, o Museu Nacional e o Museu D. João VI – além do Espaço Ciência Viva³⁷.

Assim, para efeito da presente dissertação o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho deve ser visto como um dos resultados da longa trajetória da implementação da universidade no Brasil e dos espaços dedicados à pesquisa científica e do patrimônio científico de nosso país.

³⁷ O Espaço Ciência Viva apesar de ser uma Organização Não-Governamental, independente da universidade, por ter em sua direção dois membros do Instituto de Biofísica, por vezes participa de eventos direcionados à comunidade da UFRJ.

CAPÍTULO 3

Museus e Memória

Capítulo 3 – Museus e Memória

Ao trabalhar o caso do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, a primeira questão que nos desperta interesse, refere-se à sua denominação, *Espaço Memorial* e surge o desafio de como entendê-lo no campo da museologia. O EMCCF foi fundado para que cumprisse atividades como preservação da memória e acervo de um cientista, o que nos remeteriam à categoria de museu, mas ele não recebeu a denominação de museu por seus criadores. Portanto, propomos aqui uma breve discussão sobre museus e espaços de memória.

3.1 Museus de Ciência, Espaço Memoriais e Memoriais: a busca por um conceito.

Ao longo deste trabalho utilizamos os termos “Memorial” e “Museu” como sinônimos, afirmação que pode ser amparada na literatura do campo da museologia. Ao buscarmos fontes que explorassem o conceito de memorial pudemos perceber a pouca produção teórica no campo da museologia a respeito do assunto.

Antes de avançarmos na relação entre memória e museus é importante definirmos o EMCCF, que possui uma dupla inserção tanto como museu universitário, como visto anteriormente e como museu de ciência. A definição de museus de ciência ganhou uma força renovada na década de 1980, ao diferenciá-los dos centros de ciências tema que, ainda hoje é controverso. Para melhor acompanharmos esta análise, propomos um breve estudo sobre a formação dos museus de ciência e tecnologia.

O primeiro museu aberto ao público foi o *Ashmolean Museum*, ligado à Universidade de Oxford. Na ocasião da inauguração, em 1683, o museu possuía fins educativos, e dispunha de laboratório de práticas e sala de experimentos. Sua coleção, composta basicamente por doação feita por Elias Ashmole, que já naquele período, propôs que houvesse inspeções periódicas a fim de garantir sua preservação (ALMEIDA, 2001: 14).

Os séculos XVIII e XIX são marcados por seu caráter enciclopédico, há neste período uma profusão de museus na Europa. O período é caracterizado também pela

formação dos Estados Nacionais, o reflexo deste processo nos museus pode ser observado na fala de Maria Margaret Lopes:

Os anos compreendidos entre a segunda metade do século XVIII e meados do século XIX caracterizam-se pela criação de um grande número de museus de História Natural por toda a Europa e pelas classificações sistemáticas dos espécimes das suas coleções. Entre eles destaca-se o Museu Britânico, organizado em 1753, em Londres, com uma biblioteca, coleções de antiguidades, de história natural e etnografia, considerado o primeiro grande museus de caráter nacional. (...) Para o final do século XVIII, os museus europeus, que não haviam sido criados nem organizados para amplos públicos, também foram atingidos pelos ideários de democracia que a burguesia empunhou durante a Revolução Francesa e tiveram suas coleções reais transformadas em patrimônios nacionais (LOPES, 1988: 18-19).

O século XIX é marcado ainda pelas Grandes Exposições Internacionais que, para estudiosos da área como Maria Esther Valente (2009), Alda Heizer (2005), Bruno Jacomy (2007), Maria Margaret Lopes (1998), teve forte influência sobre uma “onda de museus técnicos e industriais” (JACOMY, 2007: 17).

Podemos situar como marco inicial das Grandes Exposições da segunda metade do século XIX a Grande Exposição de Trabalhos Industriais, realizada em Londres, em 1851 (...) A Exposição de Londres deu início a uma série de Exposições Universais: Paris (1855); Londres (1862); Paris (1867); Viena (1873); Filadélfia (1876); Amsterdam (1883); Antuérpia (1885); Paris (1889). (...) que tinham como fio condutor apresentar, de forma lúdica, contemplativa e interativa, o triunfo da sociedade burguesa / liberal / capitalista (HEIZER, 2006: 23-25).

A referida influência não se deu somente com a criação de diversos novos museus, como também numa reformulação nas práticas expositivas existentes.

o processo de transformação dos primeiros museus de caráter científico e tecnológico é mais associado aos empreendimentos das Exposições Internacionais, em virtude da prática de utilização e elaboração de aparatos

interativos, interpretação de objetos e coleções que vão sendo daí derivadas e encaminhadas para as instituições (VALENTE, 2008:47).

Valente e Jacomy destacam a fundação do Deutsches Museum, em 1903, “para ser um representante dos engenheiros, que viam no empreendimento um instrumento de prestígio social da classe e de divulgação do progresso trazido pela técnica” (VALENTE, 2008: 49), fato que o aproxima do “*Science Museum* em Londres, no que seu refere à herança das exposições” (JACOMY, 2005: 18).

Em 1937, é fundado o Palais de la Découverte, em Paris, seu principal objetivo era atender a necessidade da sociedade francesa, de entender como as máquinas e as experiências científicas funcionavam. Mais do que ver equipamentos em funcionamento, tornou-se, importante compreender o caráter imaterial da ciência, ou seja, os conceitos científicos. Esta instituição será o modelo dos futuros centros de ciência, que tanto atraem o público com seu caráter de museu espetáculo.

Tornou-se necessário explicar o que há por dentro, a circulação dos fluidos, os elétrons... e tudo isso é mais difícil de se demonstrar em um museu. (2005:19)

Com a popularização do conhecimento a cerca das ciências e de como as coisas funcionavam, incentivaram a proliferação de instituições voltadas para práticas voltadas para a difusão do conhecimento em ciência e tecnologia. Até que no início dos anos 1960, é criados o primeiro Centros de Ciência, conforme conhecemos hoje em dia, o *Ontario Science Center*³⁸ (1961), em Toronto, e no final da mesma década, o *Exploratorium* de São Francisco (1969)³⁹

Alguns autores como Marília Xavier Cury (2000), defendem que as referidas instituições, avaliadas segundo critérios da museologia não apresentam algumas especificações que definiriam os Centros de Ciência como museus. No entanto, Cury observa que em ambos os casos podemos perceber o funções relativas à divulgação científica e à comunicação, no que diz respeito à museografia.

³⁸Informações no site do *Ontario Science Center*. Disponível em: <<http://www.ontariosciencecentre.ca/>>. Acesso em junho de 2013.

³⁹Informações no site *Exploratorium* de São Francisco. Disponível em: <<http://www.exploratorium.edu/>>. Acesso em junho de 2013.

Na comparação, vê-se que as principais afinidades correspondem ao compromisso social que ambas possuem ao divulgar conhecimento científico e tecnológico. Ambas são instituições comprometidas com a comunicação e o ensino da ciência e atuam no campo da educação informal. (CURY, 2000:10)

No entanto um aspecto em particular, diferencia estas instituições: o acervo. Para, a inexistência de acervos permanentes, impede que se possa considerar os Centros de Ciências como museus, vez que impossibilita a realização de algumas tarefas relacionadas a ele, tais como políticas de aquisição e descarte de acervos, formação de coleções, pesquisa acerca de objetos de relevância histórica,

Vê-se [ao comparar as atribuições de Museus e Centros de Ciência] que o principal diferencial entre as duas instituições está no acervo/coleção: método de trabalho, as atividades desenvolvidas internamente (aquisição, documentação, conservação de acervo e pesquisa a partir da cultura material) e, sobretudo, do uso das coleções no desenvolvimento das ações públicas. (CURRY, 2000:9-10).

A opinião de Marília Xavier Cury é comungada por Jacomy, que também vê Museus e Centros de Ciência se diferenciando por conta do acervo histórico. O autor afirma que os centros de ciência, estão voltados para atender questões relativas ao entendimento da técnica, momentos em que a presença de um objeto específico não é essencial.

O problema hoje se coloca com a informática, eletrônica, nanotecnologia ou tecnologia nuclear. O *status* do objeto muda inevitavelmente quando sua técnica é desmaterializada. (...) Os museus, lugares onde reinaram espécimes originais e modelos de demonstração, serão profundamente atingidos por essa mutação técnica. (JACOMY, 2007:19)

E apesar de todo o entusiasmo e admiração que os centros de ciência possam oferecer com suas práticas e exposições, quando as perguntas são relativas aos meios em que o objeto foi desenvolvido, ou as figuras que participaram do processo, o museu destacaria sua relevância, por dispor do objeto original, que não somente apresenta

mecanismos técnicos, mas remete a questões históricas, sociais, afetivas e econômicas.

O entendimento de todos esses elementos de ordens distintas – técnicos, psicológicos, econômicos, sociais, pontos de vista religiosos... – não pode prescindir da união do *objeto real* com sua carga fortemente emocional; do modelo de demonstração com seu volume e sua mobilidade e do medidor com sua linguagem, suas histórias. O museu é o lugar ideal para encontrar respostas para essas perguntas-chave, sem ser cientificamente complicada ou aborrecida. (JACOMY, 2007: 20-21)

Para Fernando Bragança Gil (1997), Maria Esther Valente (2008) e Mario Chagas (2002) Centros de Ciência estariam embutidos no conceito de Museus de Ciências devendo ser tratados como instituições afins. O caminho mais sensato seria entender as diferenças como elementos enriquecedores, que pudessem contribuir para o processo de difusão do conhecimento.

Parece óbvio que aquele conhecimento será obtido de modo mais produtivo e eficaz se juntar ambos os tipos de instituições, aproveitando de cada uma seus elementos positivos, harmonizando-os em um conjunto museológico coerente. Este é o novo tipo de museu de ciência que, como disse antes, me parece de longe, o mais útil. (GIL *apud* VERGARA, 2012:73-91)

Os centros de ciência seriam uma maneira de se expandir o conceito de museu, que se modificava a partir de uma demanda da sociedade, que buscava uma forma de divulgação científica que combinasse instrução e entretenimento.

Novos museus são instalados e os antigos reorganizados a partir de padrões mais atuais. Vale ressaltar que o modelo *science center* foi apropriado, principalmente, a partir da década de 1980, por diferentes países de forma acelerada. (...) Criticado e adorado, é um fenômeno registrado mundialmente de maneira vigorosa que não pode ser desprezado pelo debate no âmbito do campo museológico. (...) A evolução que se acelerou por volta

dos últimos anos da década de 1970, se processou na mudança de concepção do museu de ciências e tecnologia no sentido de comunicar a ciência e a tecnologia para o público. (VALENTE, 2009:65-66)

Mario Chagas discute ainda a questão da importância da coleção, relativizando-a em relação a concepção de museu. Para o autor não é o acervo que define um museu, e sim a relação da instituição com seu público.

A característica fundamental do museu tradicional, não está na existência ou não de uma coleção, e sim no tipo de relação que os participantes do processo museal mantém entre si. Em outros termos: museus tradicionais podem ser alternativos; museus alternativos também se tradicionalizam. Em meu entendimento esses comentários aplicam-se aos museus de arte e aos museus de ciência (CHAGAS, 2002:46-60).

A proposta deste trabalho se baseia nesta segunda corrente de pensamento, que defende que museus e centros de ciências devem ser considerados conceitos afins. E entende, que o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho se aproxima do perfil deste tipo de um museu ou centro de ciências uma vez que trabalha com não somente com a preservação da memória de Carlos Chagas Filho, mas com temas relacionados à Biofísica⁴⁰. Realizando atividades relacionadas à preservação de acervo e à divulgação científica conforme apresentado anteriormente.

No caso dos memoriais, a discussão ainda parece estar em seus primeiros momentos, e os estudos ainda se dão caso a caso. Jorge Barcellos⁴¹ (2012), ao analisar a situação do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre, busca a definição de um conceito para “memoriais” independente de museus. A partir da análise da etimologia do termo e da análise de uma série de instituições que levam o nome, o autor sugere que os Memoriais, não possuem compromisso de preservação de acervo, estando voltados para a celebração e manutenção da memória da instituição ou pessoa a que se refere.

⁴⁰ Ciência interdisciplinar que aplica conceitos da física, como energia, eletricidade, magnetismo, etc., para explicar fenômenos ligados à biologia.

⁴¹ Coordenador do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre. Historiador. Mestre em Educação. Doutorando em Educação.

O eixo sobre o qual o trabalho de um memorial deve centrar sua organização é a memória do Estado ou da instituição a que se refere - o que os libera de se constituírem, como os demais museus (...) em função de determinados acervos, temas ou objetos. (BARCELLOS, 2012:11).

Para tentar esclarecer esse ponto, buscamos no Conselho Internacional de Museus⁴², algum material que pudesse direcionar a pesquisa. Encontramos entre os trinta⁴³ comitês internacionais do ICOM, um que trata de temas relativos a Memoriais, o Comitê Internacional de Museus Memoriais (IC MEMO). O grupo foi criado em julho de 2001 está voltado para a preservação da memória de vítimas de crimes de estado.

Estas instituições funcionam como museus com acervo composto de objetos históricos originais, o que geralmente inclui edifícios, e trabalham em todos os campos clássicos de trabalho do museu (coleta, preservação, exibindo, fazendo pesquisas, fornecendo educação). Sua finalidade é homenagear as vítimas do estado e de determinados crimes, ideologicamente motivados. Eles são frequentemente localizados nos sítios históricos originais, ou em locais escolhidos pelas vítimas de tais crimes com o propósito de celebração. Eles são concebidos como memoriais advertindo visitantes para salvaguardar os direitos humanos básicos. Como estas instituições cooperam com as vítimas e outras testemunhas contemporâneas, seu trabalho também assume um caráter psico-social. Seus esforços para transmitir informações sobre eventos históricos são moralmente fundamentada e tem como objetivo estabelecer uma relação definitiva para o presente, sem abandonar a perspectiva histórica.⁴⁴

⁴² Conselho Internacional de Museus (ICOM), em 1946, órgão ligado à UNESCO, destinado Estabelecer padrões profissionais e éticos para as atividades do museu, fazer recomendações sobre questões como, promoção de formação, avanço do conhecimento e aumento da conscientização cultural do público através de redes globais e programas de cooperação. A criação do ICOM incrementa e norteia as discussões acerca das transformações das instituições museológicas

⁴³ AVICOM (audiovisual e novas tecnologias); CECA (educação e cultura); CIDOC (documentação); ICAMT (arquitetura e técnica); ICEE (troca de exposições); ICMS (segurança); ICOFOM (museologia); ICOM-CC (conservação); ICTOP (treinamento profissional); INTERCOM (gestão); MPR (relações públicas). Categorias de museu: CAMOC (coleções e atividades de museus de cidade); CIMAM (museus de arte moderna); CIMCIM (museus de música); CIMUSET (museus de ciência e tecnologia); CIPEG (egiptologia); COSTUME (museus do costume); DEMHIST (casas históricas); GLASS (museus do vidro); ICDAD (museus de artes decorativas e design); ICFA (belas artes); ICLM (museus de literatura); ICMAH (museus de arqueologia e História); ICME (museus de etnografia); IC MEMO (memoriais); ICOMAM (museus de história militar); ICOMON (museus de banco); ICR (museus regionais); NATHIST (museus de História natural) e UMAC (museus universitários).

⁴⁴ Informações no site do Comitê Internacional de Museus Memoriais. Disponível em <http://falstadsenteret.no/ic_memo/about.htm>. Acesso em junho de 2013.

Notamos que a denominação não está de acordo com a descrição do comitê competente do ICOM, por não se tratar, no caso de Carlos Chagas Filho, de uma vítima de crime político. No entanto podemos perceber que o museu cumpre com os requisitos dispostos na segunda parte da sentença, tratamos de um espaço que procura *“divulgar informação sobre eventos históricos mantendo sua perspectiva histórica e também suas fortes ligações com o presente”*. Pois tem como principal objetivo tornar-se um elo permanente com a figura do pesquisador, com suas ideias e sua lembrança. Outro ponto em comum se dá quanto à localização. Assim como os museus memoriais do IC MEMO, o Memorial Chagas Filho, se preserva no local histórico original, o escritório do cientista.



A partir dessa análise, e pela observação de tamanhas diferenças no campo da museologia e das tipologias de museus, podemos perceber a vastidão deste campo rico em variantes, que a definição de uma instituição enquanto espaço museal deve ocorrer caso a caso, de acordo com seus objetivos e vocações.

observar o museu do limite de uma museologia restrita às suas práticas não é suficiente para se conhecer a instituição. Seus inúmeros aspectos só podem ser desvelados se examinados também por outras perspectivas, face à característica intrínseca à multidisciplinaridade da museologia (VALENTE, 2009:11)

Dessa forma buscamos a definição atual do ICOM⁴⁵, citada no primeiro capítulo deste trabalho, para defender a situação do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho enquanto instituição museológica. A partir da verificação que o EMCCF é uma instituição voltada à comunidade, com o objetivo de preservar, pesquisar e preservar a memória do IBCCF de Carlos Chagas Filho.

3.2 O que lembrar?

No primeiro capítulo desta dissertação nos referimos ao Espaço Memorial Carlos Chagas Filho como um *lugar de memória*, termo utilizado pelo historiador francês Pierre Nora (1993), para definir locais ou monumentos que são formados com a intenção de organizar fontes, documentos e objetos (no caso dos museus), que possibilitem a preservação da memória a respeito de um fato, data ou pessoa. Neste ponto do trabalho, procuramos, a partir do conceito apresentado por esse autor, justificar a referida afirmação sobre o EMCCF.

Nora inicia o trabalho analisando a diferença entre os termos *história* e *memória*, apresentando-os como elementos antônimos, na medida em que a memória é orgânica e permanentemente em transformação, tem caráter afetivo e simbólico, não precisa de comprovações, é fluida e por vezes coletiva. Já a história é uma operação intelectual, uma reconstrução do passado, que apresenta constante necessidade de comprovação do passado e, por vezes incompleta.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (...) Porque é afetiva, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, (...) sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso (NORA, 1993:9).

⁴⁵ Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite.

O autor afirma que, por vezes o que chamamos de memória é na verdade história. Esta, por não ser uma operação espontânea, e sim voluntária e seletiva, possibilita que cada grupo, ou sociedade, defina que fatos ou pessoas devam ser lembrados. E, a fim de garantir essa lembrança, objetos e vestígios são guardados como comprovações físicas do elemento imaterial a ser preservado.

À medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história (NORA, 1993:15)

Para Nora, a importância dos *lugares de memória* está na sua capacidade de combinar os dois elementos, na sua capacidade de atribuir significação ao elemento material, “como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”. Esta combinação pode ser percebida no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, na medida em que além de dispor de documentos históricos do pesquisador, que comprovam o discurso do museu. O local⁴⁶ no qual está instalado e os inúmeros objetos pessoais agregam essa carga afetiva.

Para Icléia Thiesen (1997), a memória é composta por dois elementos principais, a lembrança e o esquecimento. Para autora, assim como para Nora, o ato de lembrar é uma escolha a partir de uma dada precisão. Ela, no entanto, afirma que o esquecimento também é um movimento voluntário, realizado em âmbito individual e institucional, conforme conveniência ou necessidade.

Para que determinados dispositivos informacionais sejam preservados e reproduzidos, é preciso que outras informações sejam descartadas, mesmo que temporariamente. É nesse sentido que se pode falar que as instituições lembram e esquecem (Thiesen, 1997: 98).

⁴⁶ A sala em que o museu está instalado ainda é chamada, por muitos, de *gabinete do Dr. Chagas*, foi utilizada pelo cientista durante os 27 anos em que frequentou as dependências do Instituto de Biofísica, na Cidade Universitária, até hoje remete à lembrança do pesquisador.

Combinada com esta afirmação, temos o conceito das *tradições inventadas*, proposto por Hobsbawm, em seu livro, *A invenção das Tradições*. No qual afirma ainda que as ‘velhas’ tradições são incompatíveis com os novos padrões sendo necessária uma adaptação.

Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta. Durante os últimos 200 anos, tem havido transformações especialmente importantes, sendo razoável esperar que estas formalizações imediatas de novas tradições se agrupem neste período. (HOBBSAWN, 2012: 16)

Estas ‘tradição inventada’ se estabelecem com relativa rapidez por estarem baseadas em valores declaradamente aceitos e, “(...) sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (HOBBSAWN, 2012: 12). No caso o Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, há uma conjunção de vários dos fatores apresentados acima. Há sem dúvida, a busca pela continuidade, proposta por Hobsbawm, como pode ser observada no texto do médico Antonio Carlos Campos de Carvalho, aluno do Carlos Chagas Filho:

É o mesmo amor ao instituto que o nosso querido Dr. Chagas conseguiu transmitir a todos nós. E nós não podemos falhar em transmitir aos que nos sucedem, pois disso dependerá a permanência do Instituto de Biofísica como instituição de excelência e exemplo a ser seguido pelas universidades brasileiras. (ALMEIDA, 2012:155)

E o meio pelo qual esta permanência se tornou possível, foi a criação de um museu em sua homenagem, no qual, se enaltece a figura de interesse ao discurso em questão. A louvação à figura de Chagas Filho, também se apresenta como uma proposta de afirmação de identidade, baseada em um passado tido como ‘glorioso’. Para tal tomamos como base relatos de companheiros, alunos e funcionários de Chagas Filho, organizados de por Darcy Fontoura e Wanderley de Souza, no livro “*Recordações de Carlos Chagas Filho*”, publicado pela Fundação Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) no ano do centenário do homenageado. O tom dos relatos é emocionado, e por vezes influencia a escrita deste trabalho, como por exemplo, nas palavras de Paulo Gadelha, presidente da fundação, ao apresentar a publicação:

A riqueza da leitura muito se deve por terem os organizadores e autores convivido de maneira muito especial e, em muitos casos, serem coartífices do legado científico institucional do homenageado. Não são recortes estanques, pois em todos os textos transbordam o afeto e o reconhecimento revelador de traços comuns e de peculiaridades do jeito de ser de Carlos Chagas Filho (ALMEIDA, 2010: 11)

Este apego aos princípios seguidos por seu patrono acaba por gerar um processo de criação e manutenção de memória coletiva. Assim, o Espaço Memorial, como grande parte dos museus, provavelmente *esqueceu* fatos da vida de Carlos Chagas, a fim que o discurso a cerca de sua imagem fosse mais condizente com a memória da comunidade da Biofísica. O que nos remete à crítica de Pierre Bourdieu ao que ele chama de ilusão biográfica, uma forma romanceada de narrar a vida de uma pessoa de forma que ela se torne o mais estável e coerente possível.

No caso do EMCCF, a tentativa de um discurso linear fica latente em uma de seus materiais gráficos mais reproduzidos à época do centenário de nascimento do cientista: a cronobiografia de Carlos Chagas Filho 1910 – 2010. Um livreto com as datas das realizações eleitas como as mais importantes da história do pesquisador. Cabe portanto saber que datas foram esquecidas e por quais motivos.

Assim temos o EMCCF como um lugar polissêmico por excelência, na encruzilhada entre espaço de memória, museu universitário e museu de ciência. A nossa função foi analisar estas várias camadas de significado, o que o torna como um instigante objeto de análise para a reflexão museológica.

CONCLUSÕES

Considerações Finais

Neste estudo de caso a respeito do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, pudemos percebê-lo à luz da museologia e da história da ciência, enquanto uma instituição comprometida com a preservação da memória e do patrimônio científico universitário brasileiro.

O EMCCF foi criado com intuito de homenagear o patrono e fundador do Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carlos Chagas Filho. Por muitos anos a instituição permaneceu como depósito de acervo, e instrumento de representação de Chagas Filho, após sua morte. Ao longo do trabalho, pudemos legitimar a existência atual do EMCCF, não somente pela importância de seu acervo, mas também por seu comprometimento com a preservação da memória.

Identificamos ainda alguns caminhos a serem percorridos pelo Espaço Memorial a fim de continuar a contribuir com a pesquisa nos campos da museologia e da história da ciência. Sendo eles a perpetuação do trabalho de pesquisa já realizado com o acervo do museu, além da intensificação dos trabalhos de divulgação científica, que se mostraram importantes formas de troca entre o museu e a comunidade da Biofísica e com a sociedade em geral.

Propusemos ainda, nesta dissertação fortalecer o debate, dentro do campo da museologia, acerca das tipologias de museus. Pudemos observar diversos aspectos que configuram o EMCCF como uma instituição mista, composta de características de museus de ciência e de museu universitário.

Dentre os aspectos relacionados aos museus ou centros de ciências, estão as principais finalidades do Espaço Memorial, como a pesquisa e preservação de acervo de história da ciência, o compromisso com a disseminação do conhecimento de ciência e o sistema de parceria com instituições científicas tais como o Museu de Astronomia e a Fundação Oswaldo Cruz.

Os pontos referentes a sua condição de museu universitário tornam-se bastante óbvios dado seu vínculo com a UFRJ, além dos problemas típicos deste tipo de instituição, tais como falta de verba, de infraestrutura e pessoal, que no decorrer do trabalho, apresentaram-se como desafios no desenvolvimento da instituição.

Por fim, concluímos que o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho é uma instituição complexa e em permanente transformação. O que reflete no entendimento

que este trabalho é um estudo preliminar de um objeto rico em possibilidades de contribuição para os campos da museologia e da história da ciência.

REFERÊNCIAS

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções Universitários: Por que museus de arte na Universidade de São Paulo?** Tese de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: USP, 2001.
- ALMEIDA, Darcy Fontoura de; Wanderley de. (orgs.) **Recordações de Carlos Chagas Filho**. Rio de Janeiro: FIOCRZ, 2010.
- ALMEIDA, Darcy Fontoura de. A opção de Carlos Chagas Filho pela Física Biológica: razões e motivações. In: **História, Ciências e Saúde: Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2008.
- BARBUY, Heloisa. Dos gabinetes de curiosidades aos museus do século XIX. Contexto de florescimento dos museus modernos no Ocidente. In: ALMEIDA, Martha de; VERGARA, Moema de Rezende. (orgs.) **Ciência, história e historiografia**. Museu de Astronomia e Ciências Afins, p.245-256, 2008.
- BARCELLOS, Jorge. **O Memorial como instituição no Sistema de Museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo**. Câmara Municipal de Porto Alegre. Disponível em: http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concmemor.pdf
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1959.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. Em AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1996.
- CARVALHO, José Murilo. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória**. Ed. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2010.
- CHAGAS, Mario de Souza. Museus de Ciência: assim é se lhe parece. In: **O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu**. Museu da Vida/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2002.
- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio de Janeiro, 1997.
- CURY, Marília Xavier. **Estudo sobre Centros e Museus de Ciências - Subsídio para uma Política de Apoio**. São Paulo: VITAE e MAE/USP, 2000.

- FERREIRA, Marieta de Moraes. O ensino da história na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v.19, n.2, abr.-jun. 2012, p.613.
- FERREZ, Helena Dodt. **Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática**. IV Fórum de Museus do Nordeste, Recife, 1991.
- FILHO, Carlos Chagas. **Um Aprendiz de Ciência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Editora FIOCRUZ, 2000.
- GIL, Fernando B. Museus Universitários: sua especificidade no âmbito da Museologia In: **Coleções de Ciências Físicas e Tecnológicas em Museus Universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Secção de Museologia, 2005.
- GONÇALVES, Michele de Lima. et VERGARA, Moema de Rezende. Entre Museus e Centros de Ciência: o Caso do Espaço Coppe Miguel de Simoni. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2012.
- GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. *O patrimônio científico do Brasil e de Portugal: uma construção*. In: Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Organizadores: Marcus Granato e Marta C. Lourenço. Museu de Astronomia e Ciências Afins. 2010. Rio de Janeiro.
- HEIZER, Alda. Museus de ciências e tecnologia: Lugares de cultura? In: *Revista da SBHC*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-6, jan. /jun. 2006.
- HEIZER,_____. **Uma casa exemplar: pedagogia, memória e identidade no Museu Imperial de Petrópolis**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro, - Pontifícia Universidade Católica. 1994.
-
- JACOMY, Bruno. Instrumentos, máquinas e aparatos interativos de ciência e tecnologia exibidos nos museus. In: VALENTE, Maria Esther Alvarez. (Org.). **Museus de Ciência e Tecnologia: Interpretações e ações dirigidas ao público**. Rio de Janeiro: MAST, 2007.
- LIMA, Ana Luce Girão Soares de. **Ciência e política no Brasil: Carlos Chagas Filho e o Instituto de Biofísica (1931-1951)**. Tese (Doutorado em História das Ciências). Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2009.
- LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB; 2009.
- LOPES, Maria Margaret. **Museu: uma perspectiva de educação em Geologia**. Tese de Mestrado apresentada à Escola de Educação. Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 1988.

- LOURENÇO, Francisco dos Santos, PASSOS, Daniela, et al. Biblioteca Virtual Carlos Chagas Filho: um espaço para a divulgação científica brasileira contemporânea. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Vol.16. nº.3. Rio de Janeiro July/Sept, 2009.
- LOURENÇO, Marta C. Patrimônio da Ciência e da Técnica nas Universidades Portuguesas: Breve panorama no contexto europeu. In: **Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto**. GRANATO, M.; LOURENÇO, M. C.(Orgs). Rio de Janeiro: MAST, 2010.
- _____ . *Museus de Ciência e Técnica: que objetos?* Dissertação (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 2000.
- MARANDINO, Marta. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz? In: **IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Disponível em: <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL009.pdf> Acessado em: 14/06/2013.
- MARQUES, Roberta Smania e SILVA, Rejâne Maria Lira da. O Reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 4 no 1 – 2011. p. 78
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PANESE, Francesco. O significado de expor objetos científicos em museus. In: VALENTE, M. E. A. (Org.) **Museus de ciência e tecnologia: interpretações e ações dirigidas ao público**. Rio de Janeiro: MAST. 2007.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.
- SANJAD, Nelson. O lugar dos museus como centros de produção de conhecimento científico. In: BITTENCOURT, José Neves; GRANATO, Marcus, BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). **Museus, ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p.123-134, 2007.
- SCHWARTZMAN, Simon. A universidade primeira do Brasil: entre intelligentsia, padrão internacional e inclusão social. In: **Estudos Avançados**. Ed. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. vol.20 no.56. São Paulo Jan./Apr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100012&lang=pt
- VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Museus de Ciência e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970**. Tese

(Doutorado em Ensino e História de Ciências da Terra) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, 2009.

- _____, et al. Museus, ciência e educação: novos desafios. In: História, Ciências, Saúde. v. 12 (suplemento), p. 183-203, Manguinhos, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **Educação em museu: o público de hoje no museu de ontem.** DiSSERTAÇÃO de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação. Rio de Janeiro: Puc-Rio: 1995.
- VERGARA, Moema de Rezende. **Ensaio sobre o termo “vulgarização científica” na Brasil do século XIX.** Revista Brasileira de História da Ciência? Sociedade Brasileira de História da Ciência – Vol. N. 1 – Rio de Janeiro: SBHC, 2008.
- _____. **A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na assagem da Monarquia para a República.** Tese (doutorado). Rio de Janeiro: PUC. 2003.